Arthur E. Powell

A MAGIA DA FRANCO-MAÇONARIA

Capítulo 1º

A CHAMADA DA MAÇONARIA

Todo aquele que sente os ideais da Franco-Maçonaria deve se ter perguntado, alguma vez, por que esta Ordem o atrai, e o que nela o retém. Em realidade, somos muitos os que fazemos esta pergunta continuamente e formulamos respostas que não afetam senão as bordas do problema, porque sempre há um elemento que se nos escapa: algo intangível e indefinido que podemos localizar, definir ou analisar, apesar de que é absolutamente real, de que está definido de um modo perfeito, e que existe, sem dúvida alguma, algo que exerce inconfundível sedução; algo que, ao mesmo tempo em que acalma o homem interior, aumenta-o em grau extraordinário algo misterioso, sedutor e estimulante; que nos impele perpetuamente para diante, como finito impulso para um infinito objetivo.

Mais notável, entretanto, é que, muito tempo antes de sabermos o que é, na realidade, a Franco-Maçonaria (que, não obstante, sentimos no fundo de nosso coração), já nos damos conta disso, Pois, ainda que a maioria dos candidatos à Maçonaria tenha uma idéia vaga e geral de que esta é digna de respeito e crêem que é uma venerável instituição que inculca elevados ideais relativos à vida, não lhes é possível saber muito mais acerca desta associação. Pouco ou nada pode saber o profano de suas cerimônias, embora saiba que estas existam. Não obstante, a absoluta ignorância dos ensinamentos e métodos da Franco-Maçonaria – não é obstáculo para que os homens se iniciem em sua Fraternidade. Tão pouco explica o problema, a cínica afirmação de que à atração que os homens sentem pela Ordem, se deve à

mera curiosidade, pois quase todos os MM \ sabem, por experiências própria, que isto não é verdade.

Em todas as demais coisas costumamos olhar, antes de dar um salto e procuramos nos informar antes de dar um passo definido ou lançar-nos a alguma empresa. A mais elementar prudência nos aconselha que averigüemos em que consiste a instituição a qual desejamos nos aderir, ou o plano que havemos de seguir. Não obstante, pouco ou nada podemos saber de antemão a respeito da Franco-Maçonaria, pois até os mesmos MM \ seriam as últimas pessoas do mundo a revelar algo referente a eles ou à sua instituição. Apesar de tudo isso entra em sua Fraternidade convencido, plenamente, de que não vai por mau caminho, e nos submergimos nas trevas sem sentir escrúpulos nem timidez, respondendo a uma chamada interior que não sabemos explicar nem compreender.

Ainda mais; sabido é que nenhum homem sensato é capaz de opinar sobre os assuntos da corrente da vida, antes de haver feito um detido exame. Pois bem, quando se trata da Franco-Maçonaria, ocorre o contrario, porque todos costumamos ter uma idéia favorável e preconcebida de nossa Ordem que e a que nos induz a penetrarmos nela. Isso prova que a Franco-Maçonaria tem um selo característico que a diferencia de todas as demais coisas do mundo, mesmo antes que dê começo nossa vida maçônica.

No entanto, antes de sondarmos profundamente este fator misterioso e intangível que constitui o coração e a entranha da atração que nos impulsiona para a Maçonaria, é conveniente que passemos revista a uns quantos dos demais aspectos desta atração, cujo isolamento e exame não é difícil fazer.

O ritual simples, dignificado e belo, já desapareceu quase por completo do mundo moderno. É certo que a Igreja Católica e a alta Igreja Anglicana conservam ainda grande parte do ritual. Na vida cívica, subsistem ainda algumas cerimônias, como as de abertura do Parlamento, coroações, jubileus, inaugurações de estátuas e algumas outras, porém estes acontecimentos são relativamente escassos, além disso, nada há em sua natureza que forme parte da vida regular do cidadão corrente. Com efeito, durante muitas gerações, a crescente influência do materialismo procurou eliminar de nossa vida as cerimônias, como se tratasse de uma superstição.

Não cabe dúvida de que esta tendência é sã e boa, enquanto impedem que os homens tomem parte em cerimônias ritualísticas que, não tendo senão aparato externo, não se baseia em nenhuma realidade interna, nem se fundamentam no que, nos tempos primitivos, recebia o nome de magia e se considerava como a chamada, para que estudassem as forças mais ocultas e internas da natureza, e os seres pertencentes a um mundo distinto do nosso.

No entanto, é indubitável que quase todo o mundo abriga um secreto amor pelas cerimônias ou o ritual. Prova disso é a adesão do povo a certas instituições, como por exemplo, a extravagante e desconcertante guarda de corpos, as procissões do Lorde Maior, as perucas dos Juízes e coisas deste estilo. O entusiasmo pelas exibições históricas, assim como os caprichosos vestidos que as mães idealizam para seus filhos, e a perene fantasia do traje dos jovens e dos anciãos, são outros tantos exemplos deste irreprimível amor pelas cerimônias.

Este é, indubitavelmente, um dos principais atrativos que tem a Maçonaria para a maioria de seus iniciados. Há na vida moderna tanto bulício, tanta precipitação, tanta barafunda, tanta indecência, tanta o atividade, tanta insistência pelos direitos próprios, tão pouca consideração pelos sentimentos alheios e tão pouca dignidade ou cortesia que brota espontaneamente de bondosos corações, que nos causa extraordinário prazer, o fato de entrar na atmosfera tão oposta das Lojas, onde reina a dignidade e a ordem em vez da indigna inquietude a que estamos acostumados no mundo externo. Maravilhoso tônico para os nervos fatigados pela tensão da vida ordinária e a entrada no recinto de uma Loja maçônica, onde tudo é quietude, ordem e paz; onde cada cargo da Oficina e cada irmão têm o seu lugar fixo e o seu dever prescrito; onde ninguém usurpa as funções alheias, onde uma vez que tenha sido eleita ou determinada à forma do drama, todos cooperam harmoniosamente e de bom grado, para levar a cabo as cerimônias, de tal forma que, se crie o ambiente que algum dia há de caracterizar até mesmo o mundo externo, quando os homens cessem sua disputa, aprendam a lição da fraternidade, e cooperem para a suprema Vontade da evolução, a fim de ordenar todas as coisas, bela, forte e sabiamente.

Também é agradável o gozo estético que produz o tomar parte em uma cerimônia bem dirigida, em que todos os irmãos, não só tenham estudado intensamente os atos e palavras que lhes correspondem, mas também, que compreendam sua significação e ponham o melhor de sua alma em tudo quanto façam ou digam. A própria disposição da Loja, a ordenada e digna colocação das colunas, os Oficiais e suas insígnias especiais que enfeitam a assembléia com pinceladas de cores

agradáveis, a situação das Luzes e todas as demais coisas adjuntas com as quais estamos familiarizados, contribuem para formar "*um tout ensemble*" que conforta a vista, agrada aos sentidos, apraz à mente, satisfaz à natureza religiosa e, ao mesmo tempo em que contrasta com a maioria, com a maior parte de nossa vida diária, e uma esperança para o porvir do nosso mundo.

Outro elemento de grande beleza que move todo aquele que sente a poesia e a música, é o esquisito ritmo de eufonia de nosso antigo ritual, cujas palavras e frases não há igual na literatura inglesa com exceção da Bíblia e das obras de Shakespeare. O antigo provérbio inglês de que "uma coisa bela proporciona gozo eterno" pode aplicar-se às simples e profundas palavras de nosso ritual, porque, apesar de serem ouvidas continuamente, todos os anos, nas diferentes cerimônias, nunca perdem seu atrativo, nem cansam, nem envelhecem; melhor, sua beleza, sua majestade, sua significação, aumentam à medida que nos familiarizamos com elas que são verdadeira prova de suprema literaturas de satisfação ética e de religioso significado.

Quão admirável é a tradição de que as palavras de nosso ritual hão de repetir-se sem acrescentar, omitir nem alterar nada, porque, a maioria das sentenças; foram redigidas de torna tão perfeita que, qualquer variação romperia sua sonoridade e corromperia sua significação.

A formosura da linguagem contribui tanto com os demais fatores para que as palavras do ritual os produzam intensa impressão. Estes amplos e profundos ensinamentos não devem seu poder a sutilezas metafísicas nem a análises filosóficas, nem a sua novidade intrínseca, senão melhor, à sua simplicidade, concisão e universalidade. Propriedade comum de todos

os sistemas religiosos conhecidos e a identidade dos preceitos éticos, não obstante, o método de apresentação às antigas verdades de moral e de amor fraternal, assim como a franqueza, a restrição, a grandeza e verdadeira sinceridade do ritual maçônico, com seu transcendental significado, fazem com que estes ensinamentos nos pareçam sempre novos, vividos, inspiradores e práticos.

Muitos intelectuais modernos que acham curas, estreitas e anticientíficas as idéias de certas ortodoxias religiosas, aceitam com verdadeira complacência e carência absoluta de dogmas teológicos e de outros gêneros de que se jacta a Maçonaria. Grande parte dos pensadores de cultura média reconhece a fraternidade, aceitam, uma lei ética e um código moral baseado na fraternidade; porém não deriva esta de preceitos religiosos externos, senão dos ditames de seus corações e da inata benevolência que sentem por seus camaradas. A Franco-Maçonaria expõe estes ensinamentos com tanta universalidade e catolicidade, que os homens pertencentes a qualquer dos credos assim como os que não aceitam nenhum podem aceitá-los sem escrúpulos, reconhecendo-os como norma de verdade que eles conhecem por experiência interna, sem necessidade de apoio de muletas teológicas.

Além disso, já não é possível negar que nos tempos modernos existe muita gente que não professa uma fórmula definida de crença religiosa, quiçá, porque está convencida, de que não pode aceitar honradamente os credos que satisfaziam os homens ao passado. A necessidade de expressão de fé religiosa que esta gente experimenta sem podê-lo evitar e que todos sentimos praticamente, pode satisfazer-se em grande parte com a

sinceridade simples da ética maçônica e sua declaração de fraternal benevolência.

O conjunto desta ética, verdadeiro coração e nervo da Franco-Maçonaria, constituem a palavra Fraternidade, a palavra sem par em todos os idiomas. Se o maçom a aceita sem evasivas, equívocos nem reservas mentais de nenhuma espécie, alcançará o pleno desenvolvimento maçônico; porém, se a rechaça, não terá direito de penetrar no sagrado recinto do Templo ainda que ostente o mais elevado dos graus. A fraternidade é para o maçom o que a luz do sol é para os seres vivos; e.assim como a luz do sol pode dividir-se em infinitos matizes e cores, e seu poder transmutar-se em incontáveis forças e manifestações de vida, assim o espírito de Fraternidade resplende no coração do homem, pode iluminar sua natureza e inspirar suas ações de modos tão infinitos como as areias do mar e tão diversos como as flores do campo. O espírito fraternal é tão penetrante como o éter existente em todas as formas de matéria, porque se infunde em toda a vida do franco-maçom, iluminando-a com sua Sabedoria, sustentando-a com sua Força e fazendo com que sua Beleza se irradie até os confins mais longínquos da terra.

Os homens seguidamente se vêem obrigados a agir sob normas éticas de nível inferior às que desejariam por inumeráveis razões. Os motivos a que se deve este estado de coisas são sutis e complexos. Assim, por exemplo, muitos temem que sua bondade se tome por debilidade ou a sua generosidade por sentimentalismo. Outros têm medo de que se acredite que são mais virtuosos que seus camaradas e, violentando suas idéias e emoções, não desenvolvem a virtude que sentem pulsar em seu coração. Muitas vezes os homens não se atrevem a realizar um ato virtuoso em público, porém

experimentariam grande alegria se pudessem realizá-lo sem que ninguém se inteirasse dele.

A Franco-Maçonaria proporciona aos homens deste gênero – dos quais há muitos no mundo - um meio de expressão seguro e secreto. O fato de que a Loja esteja a coberto de profanos - o que constitui o primeiríssimo e constante dever de todo o franco-maçom - dá uma sensação de segurança e de reserva, pois impede que possa penetrar os olhares do mundo externo e proporciona ao maçom a oportunidade de - "soltar" as rédeas que lhe restringem e de ser seu eu real, esse Eu Superior que teme apresentar-se livre e francamente, em todas as partes, menos nos sagrados recintos do Templo, onde os homens confiam nele e lhe chamam de Irmão. Porque o nome de Irmão é altamente mágico.

Assim como “todo o mundo é um cenário e todos os homens são comediantes”, assim o maçom tem que representar um papel em sua Loja, na qual pode tirar a falsa máscara que, forçosamente, há de levar no mundo e colocar a outra muito mais nobre de maçom. E desta maneira, ao mesmo tempo em que se regozija de que o modo de maçom lhe permita falar e agir como muitas vezes - houvesse desejado fazer no mundo, se tivesse atrevido, encontra em sua Loja tal oportunidade para manifestar qual a verdadeira natureza de seu ser que, raríssimas vezes, poderia encontrá-la em outra parte. De maneira que o elemento de ficção, associado a algo de caráter dramático, torne possível que o homem real seja, por uns momentos, aquilo que pretendia ser.

Deve haver muitos MM\ que anelam a chegada de um dia em que seja possível sentir e agir no mundo externo do mesmo modo como o fazem na Loja, e em que as normas desta sejam as do mundo. A bondade, a tolerância, a benevolência e a amizade mútuas, a

cortesia e a ajuda, a camaradagem e a fidelidade são os verdadeiros elementos de nossa obra na Loja, são os fundamentos do Templo que, cimentados na virtude, há de ser erigido pela Ciência, cada vez com maior Sabedoria. Porém, estas coisas não podem existir mais que parcialmente no mundo, porque o coração dos homens é ainda duro e a ignorância lhes cega. Por isto, termos de cerrar à força nossas Lojas, para evitar que suas sagradas coisas sejam maculadas e que seja manchada a alfombra do Templo.

O ideal da Maçonaria constitui um fator imenso na vida de todo o verdadeiro maçom, porque se enraíza mais profundamente do que qualquer *“sprit de corps*” e é o espírito mesmíssimo da vida. Para o maçom, a Ordem e uma Divindade que não pode ser maculada jamais com a mais leve mancha, é uma estrela eterna, um imóvel sol dos céus, um centro do qual não pode afastar-se, a menos que seja falso consigo mesmo.

Quanta poesia encerra o nome da Ordem! Os homens têm sentido através de todas as épocas sua ideologia em todos os países do mundo têm feito cerimônias semelhantes às que fazemos agora e às que os filhos dos nossos filhos ensinarão a seus descendentes. A celebração dos ritos maçônicos remonta à noite dos tempos pré-históricos. As cerimônias da qual as nossas se derivam, foram celeradas por homens de todas as raças e centenas de idiomas e dialetos, em climas escalonados desde o tórrido Equador até os pólos gelados, na cidade, bosque, em férteis planícies e áridos desertos e sobre as montanhas mais altas e os vales mais profundos. A Franco-Maçonaria tem existido onde quer que hajam vivido os homens e suas eternas tradições e “*landmarks”* tem sido transmitidos de geração em geração, enlaçando o passado com o

presente, e este com o futuro em uma humana solidariedade e ligando tudo em uma indissolúvel umidade com o G∴ A∴ que do centro traçou as linhas em que temos de construir seu Sagrado Templo e ordenou a seus fiéis obreiros que trabalhassem nele para completar a obra de Suas Divinas Mãos.

A poesia da Franco-Maçonaria sobrepuja todas as outras poesias; porque estas são temporais e fugazes, enquanto que aquela não tem em conta o transcorrer do tempo, nem as mutações modificam em nada seus antigos e imutáveis fundamentos (*landmarks*). Que mistério encerra isto? Que mistério se oculta por trás destas singelas e profundas cerimônias? Pode alguém satisfazer satisfatoriamente esta pergunta? Será algum homem capaz de dar uma resposta satisfatória antes de chegar a ser mais que homem e de ler estes verdadeiros ss∴ dos quais unicamente ouvimos em nossas lojas os segredos substituíveis?

Assim retornamos como sempre a esse misterioso e intangível elemento que nos prende com garra mais poderosa que a do leão; e este elemento que constitui a verdadeira razão para que os homens se façam Franco-Maçons e que **“uma vez que alguém seja franco-maçom, o seja para sempre!”** Cada segredo comunicado é o prelúdio de ulteriores segredos; cada novo toque não é, em realidade senão as chaves de passe que nos abre a porta de regiões cada vez mais próximas do coração ocultam, de que se sustenta o esoterismo da Franco-Maçonaria.

Todos os diversos elementos de que temos falado em particular, dizendo que fazem chamamentos isolados ao maçom, não são mais que os instrumentos individuais que formam uma orquestra; considerada em si a grande sinfonia é mais sublime que todas as partes apesar de

que a harmonia combinada destas é a que a torna audível. Ela nos murmura coisas que nenhum instrumento do mundo pode expressar, a não ser em fragmentos, em sucessões de notas que interpretem na terra, submetidas às leis do tempo e do espaço, as melodias do céu, as quais só os celestes ouvidos podem escutar em toda sua íntegra.

Antes de nos fazemos Franco-Maçons, devemos sentir um leve rumor que, infiltrando-se através dos espessos muros da Loja cerrada, desperte esses tênues estremecimentos melódicos em nossos corações. Isto é o que aviva esse secreto estímulo que nos arrasta para o esquadro, onde nosso primeiro passo é dado em ignorância, se bem que tendo a certeza interna de que a luz há de chegar com toda a segurança. Enquanto damos os nossos primeiros passos secretos, descobrimos muitos, elementos agradáveis no Ritual maçônico que nos produzem estranho assombro e tanta satisfação que, jamais nos arrependeremos, de haver posto a proa para a aventura. As magníficas frases antigas, a dignidade e a harmonia dos movimentos, da cor e da eufonia, comprazem aos sentidos e às almas dos homens fatigados pela tensão e pela distração das coisas mundanas. A ampla e singela filosofia de vida, a simples declaração de fraternidade, a ética de fidelidade e amizade, a verdade sem dogmas, a religião sem seita, a reverência sem sacrifícios da dignidade, o amor sem sentimentalismo; todos estes são elementos importantes a contribuírem para despertar a Maçonaria no coração do Maçom. E o gosto de viver em um ambiente de fraternidade, a oportunidade de livrar-se da armadura que, por necessidade, há de vestir o homem nos campos de luta do mundo exterior da Loja, o livre intercâmbio de sentimentos fraternais, sem temor às más inteligências e

repulsas, constituem, também, valiosos elementos da chamada Maçonaria.

Alguns dos fatores que unem o Maçom com a Ordem através de laços que nada pode romper, nem afrouxar, são as seguintes: uma troca de máscara, um novo papel a aprender, um pretexto que e nosso secreto ideal, um conhecimento antecipado do futuro que temos a certeza de chegar um dia, uma homenagem gloriosa a uma sublime Divindade, uma submersão no mais grandioso sonho que o mundo tem conhecido, um laço secreto que nos ume com todas as classes de homens que a terra produziu e uma tradição mais antiga e venerável que todas as havidas e por haver.

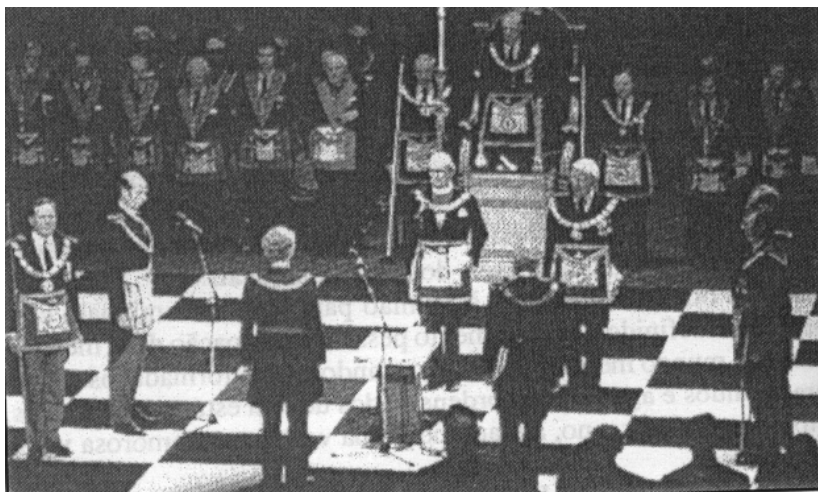
Porém, que é a chamada em si? Todas estas coisas não são senão nomes e acessórios: qual é a substância de que todas elas são sombras? Que coisa há na selva virgem que chama os seres selvagens? Que são essas sagradas coisas que murmuram as montanhas ao ouvido do homem, das alturas, de forma tão silenciosa e tão sonora, que apaga o estrépito dos demais cânticos da Terra; essas coisas que o mar sussurra ao marujo; o deserto ao árabe; o gelo ao explorador dos pólos; as estrelas ao astrônomo; a sã filosofia ao observador e os materiais do ofício ao artesão?

No homem existe algo que é mais que o homem, o qual se chama a Franco-Maçonaria. Esta chamada vem do mais santo e maior que nele existe, ao que só ele poderá conhecer, quando se converta no Mestre da Loja de sua própria natureza, quando chegue a ser ele mesmo. Assim como o golpe do malhete, que o M\ dá, repercute em todo o T\ , encontrando eco no ocidente, sul e noroeste e transpassando até mesmo os muros da L\ para chegar ao mundo externo, assim também, a Franco-Maçonaria lança uma chamada aos mais

recônditos santuários do sacratíssimo ser humano; uma chamada que há de ser respondida, que não admite rechaço, que lhe ordena voltar-se para enfrentar a Luz. Assim como todos os irmãos respondem à ordem do M \ pelo s \ , assim responde o homem à chamada da Franco-Maçonaria, ainda que não conheça em que esta consiste, e responde com sua vida. Ele não pode fazer outra coisa que obedecer; abandonar a empresa e morrer; ele deve responder e prosseguir na eterna busca da palavra perdida, que não é nenhuma palavra, porém algo que está oculto no c \ .

De maneira que, a chamada da Franco-Maçonaria é complexa e múltipla, ao mesmo tempo em que é simples e única. Na Franco-Maçonaria existem muitas coisas que hão de acalmar os anelos dos corações humanos, e, no entanto, a Franco-Maçonaria em si, isto é, em sua esplêndida perfeição, é uma coisa que nunca poderá encher-nos até transbordar, até que o homem deixe de ser homem, para converter-se em um Ser Divino, o que há de ocorrer seguramente, na consumação dos tempos.

A Franco-Maçonaria é virtude e ciência, ética e filosofia, religião e fraternidade; porém, nenhuma destas coisas, por si só, é ela. Não há multidão de células que possa fazer um organismo vivo, nem galáxia de estrelas que possa formar um cosmos, nem raios de luz que possam fazer um sol. Do mesmo modo, nenhum agrupamento de elementos de beleza ou de fraternidade pode fazer a Franco-Maçonaria; esta cria todas essas coisas, dá ao ser muitos pontos de perfeição, mas continua sendo um mistério que se pode descrever perpetuamente, porém jamais se explicar. A isto se deve que a chamada da Maçonaria seja o que é, e que nós a amamos, porque o homem é também um ser que se

pode descrever perpetuamente, porém, jamais, explicar-se. De modo que, na Franco-Maçonaria, o homem se busca a si mesmo, e através de seus mistérios e cerimônias, **"Júpiter faz aceno a Júpiter".**

Na Abertura da cerimônia maçônica o V \ M \ interrompe a marcha do tempo ordinário e penetra no tempo simbólico.

Capítulo 2º

ABERTURA DE UMA LOJA NO PRIMEIRO GRAU

Uma das características do Ritual maçônico que mais surpreende aos homens pensadores e imaginativos é que as frases tão simples e claras que quase parecem familiares despertem como por magia, idéias na alma e a aguilhoem para que busquem seu caminho às apalpadelas entre as palavras, como se essas fossem portas que conduzissem a outro mundo longínquo, mundo espaçoso, cheio de maravilhas, mistério e realidade.

Dissipou-se mais engenho em inventar interpretações das sentenças pronunciadas na cerimônia da abertura, do que em nenhuma outra parte do Ritual. Estas perguntas e respostas produzem a impressão – impressão que a familiarização contribui para tornar mais profunda - de que se trata de grandes coisas em preparação, de que se chama à existência poderosas forças e que se vão revelando segredos ocultos e empreendendo momentânea ação. Já a primeira frase: - que consiste de sete palavras (coisa bastante notável) - nos chama a atenção, imediatamente, como toque de clarim que revela o esquema introdutório dos fundamentos da Franco-Maçonaria. "Irmãos, uní-vos a mim para abrir a Loja". Esta é a chamada do V \ M \ o Chefe eleito e aceito, o representante do Altíssimo. Por meio dela se afirma a Fraternidade, convida-se à cooperação, anuncia que vai realizar-se um ato e que vai se levar a cabo a Abertura de uma Loja, isto é, desse corpo integral de que cada Ir \ constitui uma parte.

Entre as diversas interpretações que se tem dado à abertura da Loja, nos propomos que se eleja uma só; a

de "microcosmos" do homem individual ou maçom. Trataremos de relacionar a cada Of \ e Ir \ com algum elemento claramente definido da estrutura psicológica humana, e de dar a cada frase da cerimônia de abertura, uma significação apropriada à disciplina de cada poder é faculdade do homem, a fim de que este possa preparar-se para empreender qualquer ação.

Se realizarmos o nosso propósito com finalidade, não só veremos que existe uma relação fácil de descobrir entre cada Of \ da Loja, e os elementos que constituem a natureza complexa do homem (que consta de corpo, alma e espírito), senão que cada palavra da cerimônia pode ser aplicada de maneira a que o maçom há de encontrar-se em si mesmo, antes de levar a cabo uma empresa e chamar suas forças à existência, para estar em condições de realizar seu trabalho com são juízo, com força inteligente e com a beleza de um hábil obreiro.

Tão perfeito é o sistema bosquejado que se pode aplicar a todos os grandes e pequenos atos individuais, por exemplo: ao governo de um reino ou à redação de uma carta; para ajudar a amigo, ou para resolver um problema, para dar uma conferência, ou sustentar uma conversação, ou para formar um plano de trabalho a realizar um dia, em uma hora ou em um momento.

Em algumas Lojas se observam certas cerimônias preliminares, como a de entrar no Templo em procissão e acender a luzes. Esta cerimônia significa nosso afastamento das lutas do mundo externo, a situação de cada faculdade em seu lugar adequado e a entrada de uma atitude ou atmosfera espiritual, da qual exclui o ar vulgar das ocupações mundanas. Elas nos recordam o inesgotável depósito de poder espiritual do qual podemos deduzir, se quisermos. Sabedoria infinita, Força

onipresente e Beleza que resplandece pelo Universo inteiro.

Para poder fazer uma apresentação mais completa de nossa tese, vemo-nos obrigados a recorrer à Ciência psicológica do Oriente, porque esta é a analisa mais completa e aperfeiçoadamente o caráter psicológico de ser humano; embora a psicologia Ocidental vá se aproximando rapidamente da antiga e primorosa classificação Oriental, não está bastante definida para servir... alheia a nosso propósito. E ... conhecer as análises budistas e hinduístas ... usadas no Ocidente, dando também os termos sânscritos em benefício dos estudantes habituados a seu emprego. Podemos fazer o seguinte quadro de nossas correspondências:

ABERTURA DE UMA LOJA

OFICIAIS	ELEMENTOS PSICOLÓGICOS	
	OCIDENTAIS	ORIENTAIS
**V \ M **	Sabedoria	Buddhi
**1º Vig **	Força ou Vontade	Átma
**2º Vig **	Beleza ou Mente Criadora	Manas Superior
**1º Diác **	Razão ou Inteligência	Manas Inferior
**2º Diác **	Desejo ou Sensação	Kama
**G \ do T **	Vitalidade Física (Cérebro)	Pranayama – Koza, Linga Sharira, Duplo Etérico.
**Cobr \ Ext **	Corpo Físico	Sthula Zarira
**P \ M \ I **	Sabedoria Madura, experiência de atos passados comvertida em natureza.	Karama Zarira ou Corpo Causal

Observe-se a principal diferença existente entre o P \ M \ I \ e os demais OOf \ da Loja; ela consiste em que o primeiro representa o atualizado, o realizado e completo e os demais o que existe potencialmente. O P \ M \ I \ representa o que o homem fez e os demais OOf∴o que eles podem fazer. Passemos agora a examinar cada uma das perguntas e respostas da cerimônia de Abertura:

Vimos já, que as palavras de abertura pronunciadas pelo V\ M \ , **"IIr \ , uní-vos a mim para abrir a Loja"**, constituem uma invocação do Mestre de Sabedoria, a todos os poderes e faculdades que possui o homem, para que o ajudem no trabalho que vai realizar. Depois o Mestre volta-se para a Mente criadora, projetadora ou geradora ou imaginadora de formas e de linhas de conduta, e lhe pergunta: - **"Qual é o primeiro de vossos deveres em L \ ?"** o qual responde àquela que consiste em - **"assegurar-se de que o T\ está a coberto de profanos"**. O M \ instrui a Mente, para que cumpra seu dever; a Mente transmite a ordem ao Cérebro e este último, após certificar-se de que o Corpo físico se "encontra no lugar que lhe corresponde", manifesta que o T \ está a coberto de profanos.

Poderiam escrever-se muitos volumes acerca do trabalho da porta da Loja que se descreve como o primeiro e constante dever de toda Loja pertencente à Franco-Maçonaria. Um dos aspectos deste trabalho consiste no segredo, porém deixemos isso de lado e limitemo-nos à FUNÇÃO do Guarda Externo do Templo, como representante do Corpo físico.

Enumeremos, para começar, os fatores externos dos deveres do Porteiro:

1º. permanece na parte exterior da porta do Templo;

2º. vai armado com uma e \ d \ ;

3º. há de impedir a entrada de intrusos e profanos;

4º. cuidará de que os Can \ entrem conveni-entemente preparados.

Representando o Porteiro, o Corpo físico, que é o elemento mais exterior da personalidade, não cremos que seja difícil compreender o motivo de sua permanência fora do Templo, posto que, não se possa permitir a entrada no recinto do Templo nada que pertença à personalidade, nem.os apetites e desejos do corpo. Tem se dito acertadamente que, assim como as vestes exteriores e os chapéus devem ser retirados e, deixados fora da Loja, assim também, deve cada Ir∴ abandonar seus sentimentos pessoais à porta do Templo.

Não devemos, porém, nos satisfazer unicamente, com excluir do Templo as influências indesejáveis, já que o Guarda externo é um Ir \ M \ M \ e um Of \ da Loja. Ainda que pareça desterrado de seus IIr∴que se encontram no interior do T∴, nenhuma L∴está completa se carece dele, uma vez que o primeiro dever de todo G \ I \ do T \ é procurar que ele se encontre em seu posto. Sem ele não se pode abrir a L∴e, se ele deixa de cumprir o seu dever, o trabalho daquela perde sua efetividade. O Porteiro não deve abandonar, nem por um só instante, seu posto, há de estar sempre alerta e pronto para ação. Jamais embainhará sua e∴. Para manejar esta com eficiência, deverá possuir qualidades genuínas: vigilância, prontidão, força, habilidade, decisão instantânea, valor e infatigabilidade.

Cremos que a significação de tudo isso é bem evidente em nossa análise psicológica. Em todo o trabalho que empreendermos, nosso primeiro dever constituirá em vemos se possuímos as condições físicas que a obra requer. As boas intenções, os elevados propósitos e as nobres resoluções não têm utilidade alguma, a menos que se possuam os meios materiais para se poder efetivá-los. A pedra de toque da vida aplicar-se-á sempre no plano físico. A M∴não consiste tão só em alta filosofia e exaltada ética, senão que, além disso, é essencialmente prática. Os fundamentos espirituais do Amor fraternal, da Caridade e da Verdade, hão de ter suas contrapartes físicas no plano material.

O cuidado aplicado ao setor individual constitui um aspecto importante do labor do Guarda externo do T∴. A deficiência da saúde do corpo pode ser, não só uma influência indesejável, como, além disso, que a obra das demais faculdades percam sua efetividade. A debilidade corporal, a negligência, a preguiça, a lentidão, a covardia e a falta de destreza, podem tornar ineficaz a vigilância ou diminuir a eficiência da obra. Bem disse um grande Instrutor oriental: "o primeiro passo que se há de dar no caminho que conduz ao NIRVANA é o de possuir uma perfeita saúde física".

Assim, pois, o Porteiro (Corpo físico) fisicamente considerado, representa a atividade física, a qual depende em grande parte da saúde do corpo. Como o Porteiro não deve intrometer-se, nem ser obstáculo, esta função se cumpre melhor, quando goza de perfeita saúde. O corpo, fiel servidor de seu dono - a Mente, atua tanto mais perfeitamente quanto menos consciência de sua existência tem o homem.

Porém, ainda temos de levar a coisa mais adiante e considera que o Porteiro representa todos os aspectos

físicos de nossas empresas. Em toda a parte da obra, o primeiro e constante cuidado deverá se concentrar nos materiais e aplicações físicas. O artesão precisa de materiais para seu comércio e de instrumentos de trabalho, e não existe prova melhor de que o bom trabalhador do que, a de ter em ordem seus instrumentos, dos quais, o mais importante é seu próprio corpo.

Portanto, todo o verdadeiro M\ deve providenciar para que as ferramentas, sistemas, projetos e aparatos físicos dos quais vá necessitar, sejam os mais perfeitos possíveis e estejam bem cuidados. E só quando haja cumprido estes requisitos, é quando estará em condições de empregar suas faculdades, proveitosamente, na obra maçônica que há de realizar.

Permita-se-nos que saiamos um pouco do tema do Guarda externo do T\ ou Porteiro externo, para dizer que o dever imediato do V\ M\ é o de assegurar-se de que todos os IIr\ que se achem no T\ sejam MM\ , coisa que se comprova imediatamente.

A aplicação psicológica disso é evidente. É necessário que nos começos de toda empresa, provemos, nos compenetremos e nos demos conta de quais sejam nossos sentimentos, motivos e pensamentos, com o objetivo de constatar se são dignos de quem é maçom, se obedecem à reta lei do e∴e se são puros e imaculados os distintivos dos Franco-Maçons.

Depois o V\ M\ pergunta quais são os três OOf\ principais, como se chamasse à existência as forças que lhe correspondem, e que são: a Vontade que procura, a Força impulsionadora, a Mente que concebe os planos de ação e a Sabedoria que guia. Estes três OOf\ ocupam cadeiras de presidência e representam os princípios estáticos do homem, mananciais do poder e não os veículos que transformam a energia em ação.

Para este último propósito, cada um deles tem um Of \ auxiliar que é móvel e dinâmico, tem liberdade para mover-se pelo assoalho da L \ e obedece aos mandatos das Presidências: a Sabedoria dirige, a razão (1º Diác \ ); a Verdade dá energia ao desejo (2º Diác \ ) e a Mente estimula o cérebro (C \ I \ ) à ação.

Voltando novamente a tratar do Porteiro e, havendo já falado da primeira parte de seu dever, quiçá nos seja proveitoso examinar a função que exerce quando cuida de que os "CCand \ estejam convenientemente preparados". Ao mesmo tempo em que mantém afastados os intrusos, há de conservar alertas as avenidas dos sentidos, de tal forma que, as novas impressões e o novo conhecimento ou experiência, entrem, quando estejam "convenientemente preparados". Em relação a isto, é interessante saber que podemos aplicar cada um dos detalhes da preparação do Cand \ , à maneira de como deveríamos receber os novos fatores e considerações, depois de um detido exame e pô-los à prova e aplicá-los ao trabalho maçônico.

Portanto, devemos despojá-los de toda a idéia de lucro pessoal; devemos cegá-los, para que, em vez deles nos dirigirem e nos torcerem, sejamos nos que o façamos. Uma vez que separemos todas as traves e obstáculos, devemos preparar-nos para aplicá-los, potentemente, à ação. Com o coração puro, temos de nos preparar a aplicá-los ao serviço dos que tenham necessidade de simpatia ou ajuda, ainda que com o risco de que nossos esforços encontrem como resposta, a ingratidão, a hostilidade ou a incompreensão. Devemos ansiar por oferecer tudo quanto possuímos, dobrando os joelhos para reverenciar ou para fazer humildes serviços e mantendo-nos todo o tempo, em contato com a Mãe Terra, duro leito rochoso da ação prática; devemos nos

preparar para aplicar todo o nosso poder ao objetivo que tenhamos em vista, desafiando todos os perigos, até mesmo a morte.

O passo seguinte dado na cerimônia de Abertura, em relação ao C \ I \ ou cérebro, consiste em descrever a função do cérebro que é a vida do corpo, isto é, em admitir princípios conhecidos e dispensar os que sejam desnecessários, assim como em dar as boas vindas, com as devidas precauções, a novas idéias e flamantes conhecimentos. O Cobridor Interno vem a ser o servente da mente (2º Vig \ ), segundo diz o Ritual; lição bastante fácil de compreender, embora Sempre se possa aplicar com facilidade. Nem todos os Maçons podem converter seu <u>cérebro</u> em servo obediente à <u>mente</u>, porque, às vezes, aquele se rebela contra esta, arrastando-a consigo. Observe-se de passagem que, segundo o sistema oriental, a Mente Superior governa o fluxo do Prana ou Vitalidade, com que se quer dar a entender que a direção da saúde corporal se radica na Mente, como muitas escolas do pensamento proclamam atualmente quiçá errando em algo.

Os deveres do 1º Diác \ e do 2º Diác \ que se descrevem em suas respostas um pouco desconcertantes, e que seja dito de passagem, não parece que se cumprem nas cerimônias atuais, têm um alto interesse psicológico. Cremos conveniente estudá-las juntas.

O 1º Diác \ que representa o intelecto ativo e raciocinador, a consciência normal em estado de vigília, há de levar as mensagens e comunicações da Sabedoria à Vontade. Esta última representada pelo 1º Vig \ , é quem procura a Força impulsionadora para a realização da obra, energiza o seu servente ou mensageiro (2º Diác \ ) ou o Desejo, que, por sua vez, transmite a ordem

ao 2º Vig \ (ou a Mente Criadora), que é quem recebe os planos de realização da empresa.

A manifestação que o 2º Diác \ há de ver se "cumpriram as ordens pontualmente", refere-se ao fato de que o Desejo é insistente e se mantém ativo - poderíamos dizer quase agressivo - até que a Mente tenha aceitado a ordem e formulado um plano para executá-la.

Similarmente a Mente inferior, a Razão, representada pelo 1º Diác \ , "espera a volta do 2º Diác \ ", isto é, que a consciência normal vigílica permaneça em estado de espera, na expectativa, até que o Desejo se satisfaça e cesse sua atividade, ao haver alcançado o seu propósito.

Uma vez definido desta torna os fatores inferiores, dinâmicos ou ativos, verifica-se uma notável mudança na fraseologia, pois o V \ M \ dirige-se aos elementos estáticos superiores representados pelos VVig \ e lhes pede uma explicação raciocinada.

No Ritual descreve-se o lugar que ocupa o 2º Vig \ ou Mente Criadora, dizendo que assinala o Sol em seu meridiano, ou seja, o ponto mais elevado que este astro ocupa no céu. Isto parece indicar que o nível superior de consciência a que pode chegar o homem no primeiro grau, é o da Mente Superior. Mas ainda, a Inteligência Suprema há de dirigir o homem, como o Sol ao dia; e assim como os movimentos deste astro servem para chamar os homens do trabalho ao descanso e vice-versa, do mesmo modo, a Inteligência Suprema determina o momento em que os homens hão de atuar e quando devem abandonar a ação, quando hão de trabalhar e quando podem jogar. Só quando a Inteligência e não o Desejo ou a Vontade dirige e governa, é quando se

tira proveito e prazer, isto é, e quando o homem pode ser, ao mesmo tempo, eficiente e feliz.

E passando a tratar do 1º Vig \ - a Vontade - que representa o término do dia, o Sol poente, saiba-se que, quando o V \ M \ - ou a Sabedoria, o Ego reinante da consciência íntegra - ordena, a Vontade extrai da L\ a força motriz e desta forma dá fim à empresa. Porém isto não se realiza senão quando, cada Ir \ ”tenha cumprido seu dever”, ou seja, depois de haver exercitado plenamente todas as faculdades e poderes e de haver feito todo o possível.

E por último, o Ritual diz que o V \ M \ ou Sabedoria representa o Sol nascente, o manancial da Luz, a origem da consciência. Em cada um de nós existe um M \ , ainda que não tenhamos consciência disto; o M \ que é o Ego da consciência, o Governador e o verdadeiro mandatário de nossas vidas e de nossas ações. Este Ego supremo é quem abre a Loja e quem nos põe a trabalhar "empregando e instruindo os IIr \ na Franco-Maçonaria", isto é, dirigindo e empregando nossas faculdades no Ofício da vida.

O M \ ou Sabedoria já chamou à existência a todas as suas faculdades subordinadas e definiu a tarefa que corresponde a cada uma delas; porém, antes de dar começo aos trabalhos, a consciência se dirige ao Supremo Arquiteto, para reconhecer que, unicamente d’Ele é de onde procede toda a Sabedoria, toda a Força e toda a Beleza. E por isto recita uma prece, pela qual pede que a obra iniciada com método e ordem se encaminhe harmoniosamente para sua pacífica conclusão. Na conhecidíssima fórmula "todas as faculdades apóiam esta prece e determinam que assim seja".

O M \ declara agora aberta a L \ em nome do G \ A \ D \ U \ , dando a entender com isto, que todas as

suas faculdades e poderes estão alertas e prontos à ação, presteza que se indica por meio do sinal que fazem todos os IIr \ neste momento.

A descida do último P \ M \ ou do Orad \ para abertura do L \ da L \ (Bíblia) e a exposição especial do e \ e do c \ significam que todo o conhecimento passado e toda a experiência se transportam ao campo da ação, para seu futuro emprego; que a Sabedoria acumulada dos séculos, tal como se encontra escrita na Bíblia, está depositada na L \ e que os eternos símbolos do e \ e do c \ se encontram ante nossos olhos para regular nossas ações e, manter-nos dentro dos devidos limites para com todos os homens. Também se nos recorda que, tudo quanto somos e conhecemos procede unicamente de Deus, única origem da luz e da vida, e que toda a ação não é senão manifestada pelo Verbo de Deus.

Esta é uma interpretação simples e elementar da abertura da L \ dos Franco-Maçons no primeiro Grau, a qual se verifica de tal forma que, sua majestade, sua dignidade, sua invocação ao Supremo e o melhor que há em cada um de nós, é seu estímulo para que tratemos de divisar por detrás do externo véu das palavras e das formas, esse secreto mundo interno de coisas, do qual não são senão transitórios e fugazes efeitos, todos estes elementos de nossa vida externa não se percam nem desmereçam, apesar de que a cerimônia se repita continuamente.

Em conclusão, resumamos brevemente a abertura em termos da presente interpretação psicológica. Antes de empreender uma obra, seja qual for a sua magnitude, o maçom concentra suas forças e se coloca na devida atitude e ambiente, recordando a infinita Beleza, Força e Sabedoria, donde pode extrair, se quiser, os materiais que necessite para integrar-se a si mesmo. Logo, aperfei-

çoa dentro do possível, todas as condições físicas necessárias à empresa; examina e prova seus motivos para ver se são puros e imaculados. Ao eliminar cuidadosamente todas as influências indesejáveis e indignas, abre a porta de sua natureza para dar entrada, depois de detido exame, a todos os materiais ou conhecimentos novos que lhe possam servir para realizar a obra.

O Ego Supremo emite o seu mandato, o qual por meio da consciência normal de vigília se transmite à Vontade, a qual lhe dá seu impulso que, por sua vez, se converte em urgente desejo; em continuação a Mente imaginativa concebe um plano de Beleza que translada ao cérebro e ao corpo para que o levem a cabo.

De maneira que todos esses atos são dirigidos pela Vontade e seu impulso se deriva dela; porém, emanam do Ego Supremo ou Sabedoria. No entanto, o maçom deve sempre ter presente que tudo quanto ele e procede unicamente de Deus, seu Senhor, porque, como as Escrituras cristãs citadas no Ritual, dizem com palavras que não se podem parafrasear sem destruir sua beleza, em Deus radica a única inspiração. "Suas são a primeira e a última palavra e o princípio e o fim de toda a ação é com Deus, é a ação do mesmo Deus".

O Maçom forjado com o auxílio das ferramentas de sua Loja
(Gravura Inglesa de 1.754)

Capítulo 3º

OS INSTRUMENTOS DE TRABALHO DO 1° GRAU

Os Instrumentos de trabalho do 1° Grau ao serem apresentados ao Ir \ acabado de se iniciar, constituem-se em um dos mais belos e vívidos episódios da cerimônia, ao mesmo tempo em que as frases com que se descreve estes instrumentos, tomadas das Sagradas Escrituras, são das mais formosas do Ritual. Quase todo o mundo está familiarizado com estes instrumentos, porém, poucos são os que as associaram com as significações mais profundas que as indicadas pelo 2º Vig \ . No entanto, em nossa interpretação da Franco-Maçonaria, temos como especial propósito, o de nos aprofundar, tanto quanto possível, nos significados mais ocultos de nossos símbolos, propósito esse que torna possível darmos significação espiritual a objetos e atos tornados costumeiros. Com este exercício imaginativo chegaremos a compreender gradualmente, que toda a ação e todo o objetivo de nossa vida vulgar, têm uma significação espiritual ao mesmo tempo em que material.

Quando começamos a estudar os instrumentos de trabalho do 1º Grau e meditamos a respeito deles, nos apercebemos, quase de relance, que eles nos foram escolhidos ao azar, entre os instrumentos úteis aos pedreiros. Ao contrario, sua significação filosófica e simbólica é tão profunda que nos transporta diretamente ao coração, o núcleo de nossos mais fundamentais conceitos sobre a vida.e o trabalho.

Antes de entrar na matéria, bom será que anotemos de passagem, a evidente correspondência existente entre os três Instrumentos de trabalho do 1° Grau e os três principais OOf \ da Loja. Assim, a

r \ d \ v \ q \ p \ que se emprega para medir e planejar a obra corresponde à Sabedoria do V \ M \ que também medirá e planejará, quando dirige. O m \ que se utiliza para golpear, tem relação com o 1º Vig \ cuja qualidade é a Força e cuja missão consiste na transmissão de energia. O c \ corresponde ao 2º Vig \ porque, assim como este representa o atributo da Beleza, assim o c \ é o instrumento com que o Maçom cinzela a pedra bruta, criando nela, linhas, superfícies e molduras para o embelezamento do ofício.

Se estudamos mais profumdamente a significação de nossos Instrumentos de trabalho, descobrimos que representam o conjunto da vida manifestada em três aspectos; cognição (conhecimento), Emoção e Atividade. O eu possui três modalidades de consciência, quando entra em relação com o nosso EU; pois tem comdições de conhecer, sentir e agir. Nós não comhecemos nenhuma modalidade além da consciência, pois a vida que nós experimentamos se acha compreendida nesta tríplice possibilidade de conhecer, sentir, e agir. Pois bem, o conhecimento se deriva da observação que se obtém ao utilizar a r\ d \ v \ q \ p \ , de uma ou de outra forma. A ação é a aplicação da força que levamos a cabo por meio do m \ , ao passo que o c \ é o instrumento com que nos pomos em com;ato com a matéria do mundo externo e com o qual executamos nossa vontade nela, comtanto que, em termos de consciência, é a qualidade de sentir. De maneira que nós "conhecemos" como a r \ d \ v \ q \ p \ , “sentimos” como o c \ e "agimos" como o m \ .

E, se aprofumdarmos mais, descobriremos que há três coisas necessárias em toda a obra inteligente; a primeira é nosso plano ou projeto; a segunda, a energia ou força que nos propusemos empregar, dedicar à

nossa tarefa, a terceira, o instrumento real com que executamos o trabalho. Claramente se vê que estes três elementos se simbolizam graficamente por nossos instrumentos de trabalho. Porque fazemos o nosso plano com a r \ d \ v \ q \ p \ , aplicamos nossas forças por meio do m \ e levamos a cabo realmente o trabalho com o c \ . De maneira que além de úteis, são arquétipos de toda a possível variedade de instrumentos pertencentes às três referidas classes.

Porém, estudemos agora, detalhadamente, estes três instrumentos de trabalho, começando pela r \ d \ v \ q \ p \ , que é a mais fundamental e transcendental de todas para o homem. A função desta consiste, naturalmente, em medir a longitude; pois bem, a medida de longitude é a base das medidas de todo o género em todos os departamentos da vida, como sabem muito bem os homens de ciência. Não existe nem conhecemos outra base possível. Unicamente é quando medimos a longitude dos objetos, que chegamos a compreender o que estes são. Isto não só se aplica às linhas, senão, como e natural também, às superfícies, volumes e ângulos, visto que as unidades nas quais estes se expressam, se baseiam em último termo, na medida de longitude. Assím também, temos de dizer que a única forma de localizar ou determinar a posição de um objeto em relação a outros, se baseia no emprego da medida da longitude, como, por exemplo, r \ d \ v \ q \ p \ . A forma dos corpos não se pode descrever se não se recorrer aos termos da medida longitudinal.

Ainda mais: não só os objetos materiais como também todo o acontecimento ou fenómeno da natureza, só se pode descrever e medir em termos de medida longitudinal, em última análise. Por exemplo, a luz e a cor só se podem medir, por comseguinte descrever, pela

longitude ou velocidade de suas ondas, cujas duas qualidades implicam a medida de longitude como essencial ingrediente.

O mesmo se pode dizer a respeito de todas as outras formas, como o calor, o som e a eletricidade. O peso de um corpo não é mais que uma maneira de descrever a força da gravidade. Tão importante para o maçom é saber que tudo sé mede em termos de unidade de longitude. Todas as propriedades da matéria comhecidas por nós, representando-se finalmente, em termos de medida de longitude, já se trate de textura, dureza, elasticidade, calor específico, durabilidade ou de que quer que seja. Idêntico princípio se aplica à medição da velocidade e dos movimentos de todo o gênero, trate-se de átomos e moléculas, de trens, planetas e estrelas. Quando medimos a energia dos músculos, do vapor, da eletricidade, da energia inter-atônica ou da rádio-atividade, não comhecemos outro modo de expressar as observações ou cálculos que não seja o da régua.

Outro fator científico bem conhecido é: o tempo não se pode medir senão em termos de espaço, posto que, a única maneira de estimar seu transcurso consiste em registrar fenômenos de movimento; movimento, como natural, que só se pode expressar com termos de dependentes da medida longitudinal. Se carecêssemos de nosso sistema de medição de espaço, não saberíamos como registrar o transcorrer do tempo.

De maneira que o tempo e o espaço, a matéria e a força, e todas as combinações conhecidas destes elementos primários com que se elabora nossa vida ordinária, unicamente se pode medir, conhecer e compreender, valendo-se da medida longitudinal da r \ d \ v \ q \ p \ ; isto é, que a base de toda a ciência ou conhecimento se radica no emprego da régua. Este

princípio é aplicável a todos os departamentos da experiência e do conhecimento humano, posto que, até quando se trate de arte, filosofia ou religião, é preciso reconhecer que, as únicas idéias comhecíveis e inteligíveis relativas a estas manifestações humanas, são as que podem medir ou estimar de algum modo, já que, onde a medição termina e onde começa a ignorância ou a conjectura. Nosso saber é tanto como a nossa habilidade de medir, quer se trate de pesar um pedaço de pedra, quer apreciar o valor espiritual de uma idéia.

Não obstante, existe ainda outro campo de aplicação da r \ d \ v \ q \ p \ . Por necessidade, há de ser ela o primeiro Instrumento de trabalho dos MM \ , já que, enquanto esta não seja aplicada, não se pode aplicar utilmente, nenhum outro. Todo o trabalho útil se realiza, aplicando os Instrumentos de trabalho onde correspondem, o que unicamente pode ser bem realizado, valendo-se da r \ . Sé assim não fosse, aqueles se converteriam em instrumentos destrutivos. A arte da vida consiste em aplicar nossos poderes e faculdades que são os nossos instrumentos, no sítio e momento precisos.

Creio que é claríssima a razão pela qual a r \ d \ v \ q \ p \ seja o primeiro Ins \ de T \ que se entrega ao Ap \ . Ela é naturalmente, a primeira coisa essencial na execução de obras de todo o gênero e o é também na aquisição do saber, na qual se baseia à habilidade de todo o artífice. Se nos apercebermos bem da natureza e objetivo da r \ d \ v \ q \ p \ , nos será revelado maravilhoso tesouro de significação existente nos símbolos vulgares da Franco-Maçonaria. Este estudo preliminar do primeiro Ins \ de T \ com que tropeçamos em nossa vida maçônica, há de facilitar o caminho para chegarmos a compreender os outros instrumentos deste Grau, (o m \

e o c\ ) que iremos estudar em continuação, a começar pelo m\ .

Vimos antes, que o m\ representa o poder ou a forca, uma vez que é o instrumento que serve para golpear. Representado o método mais simples e elementar de aplicação da força, e o símbolo de todas as formas físicas morais e espirituais da mesma. O fato de isto assim seja é esclarecido, quando sé exploram os Ins\ de T\ no primeiro Grau, dizendo que são símbolos de trabalho manual, ao mesmo tempo que da parte superior da natureza humana, ou seja, da consciência.

Pois bem, a vida do homem consiste em mover a matéria, em transladá-la de um lugar para outro, princípio que se pode aplicar tanto às formas supremas de trabalho filosófico ou espiritual, como às atividades puramente mecânicas ou manuais. Toda ação se reduz, em último extremo, a mover a matéria, quer se trate de substância da terra e de todos os objetos que com ela fabricamos, quer da matéria das mentes humanas, das substâncias das almas e, até da trama imaginativa com que se criam os sonhos. A força vibrada pelo homem e o poder que ele exerce sobre a matéria e os acontecimentos, comsta, ao fim de tudo, que possa mover a matéria de um lugar ao outro. O primeiro instrumento que o homem primitivo imaginou para mover a matéria do plano material, foi o m\ , e quando fabricou o m\ ou martelo rudimentar, que provavelmente consistiria em um pedaço de pedra que fazia com a mão, inaugurou uma nova era: a era das ferramentas, a era em que começou a valer-se das coisas alheias ao oorpo, para conseguir o que se propunha. Este passo dado na evolução foi tão importante, que, alguns homens da ciência definiram o homem como (homo faber), o animal fabricador de instrumentos. E traduzindo esta definição em linguagem

maçônica, poderíamos dizer que: o homem é um ser que leva o m\ na mão. O fato de que o homem atrevesse a agarrar este m\ é um ato de significação importantíssima, uma vez que ele deu começo à aurora da consciência do poder, aurora em que o homem teve o primeiro vislumbre de sua divindade latente. Hoje em dia, o M\ da Loja é o homem que traz o m\ na mão, para simbolizar o direito que tem a dirigir a L\ . Permita-se-nos uma pequena digressão no campo da ciência natural, pois quiçá seja interessante examinar como todo o fenômeno, assim como todas as atividades do homem e das máquinas, se derivem do m\ , da descarga de um golpe. Todas as forças da natureza são descargas ou golpes. A luz consiste em uma forma de impulso dado ao éter ou aos corpúsculos; o mesmo vem a ser o som, a eletricidade, o magnetismo e, provavelmente, a afinidade química e a gravitação. O vento é o golpeio de umas partículas do ar comtra as outras, as músicas das árvores são o choque de seus ramos; as hervas floridas e as árvores abrem caminho na terra, à força de pressão; as ondas se arremetem comtra a costa e as partículas água se empurram, ao descer pelo leito do rio pana o oceano. Em todo o fenômeno se observa as partículas de matéria a se golpearem e se empurrarem entre si, incessantemente. A natureza assim, traz um m\ em cada uma de suas infinitas mãos.

Também as máquinas fabricadas pelos homens são m\ aperfeiçoados, uma vez que todas elas se baseiam na projeção ou descarga de golpes ou impulsos. Ele faz com que o fogo lance partículas de combustível e que produza calor e gazes. Faz com que o vapor impulsione o pistão e que, cada membro da máquina empurre o que lhe comvém. Faz com que a força magnética obrigue girar a armadura e que produza eletri-

cidade. Faz com que a eletricidade fenda o éter e transmita sua mensagem por toda a terra. Nas primeiras etapas da evolução humana, o homem é o m \ de si mesmo e utiliza a força de seus próprios músculos; porém, à medida que sua alma se desenvolve, vai se apoderando dos mm \ da Natureza e ordena a esta que lhe obedeça, concentrando as energias para que o sirvam, a Natureza termina por comverter-se em seu m \ , em sua serva.

Esta é a primeva lição ao m \ . A lição da força ou poder do músculo, a sensação, a emoção, o intelecto e a espiritualidade. Este poder e ilimitado, porque dentro de nós existe uma reprodução do G \ A \ D \ U \ , cujo poder é onipotente, como nos diz na abertura da Loja. Mais tarde trataremos disto, quando estudarmos a significação especial do m\ ao trabalhar em conjunção com o c \ , porque a individualidade do maçom encontra na expressão do fio do c \ .

Estudemos agora o c \ . O fundamental do c \ consiste em seu poder de cortar, de abrir passo na matéria. Para poder realizar sua função perfeitamente, deve possuir um fio cortante e resistente em proporção à obra a realizar, e além disso, há de ser capaz de receber e transmitir a força que se aplique por meio das diferentes classes de malhos.

Em todas as artes, ofícios e indústrias, se utilizam instrumentos cortantes e basta examiná-los cuidadosamente, para perceber que todos eles se baseiam no c \ e são modificações e aplicações desta ferramenta. Para compreender isso melhor, estudemos a arte de trabalhar a madeira, o metal ou a pedra.

Os variadíssimos instrumentos idealizados para polir os materiais ou para fazer estrias ou molduras, consistem em cinzéis de diferentes modelos fixos em

cabos ou asas. Similarmente, todas as classes de trado, verrumas brocas ou barrenas, abrem caminho no material por meio da borda chanfrada do cinzel existente no extremo da ferramenta. Todas as variedades de limas, grozas e serras, possuem também, numerosos cinzéis, pois cada dente é um cinzelzinho que corta, precisamente, como o fazem todos os cinzéis. O agricultor se vale de um cinzel sob forma de arado, grade ou enxada, para sulcar a terra; e as foices, gadanhos, ceifadeiras mecânicas, etc., não são mais que cinzéis aos quais se deu a forma adequada de acordo com o que delas se exige. As tesouras e tenazes dos obreiros são cinzéis úmidos aos pares. Até mesmo todas as formas de pulverização de moagem, de polimentos que constituem a base de muitos ofícios, se fundamentam no princípio do cinzel, pois as diminutas partículas da rosca atuam como pequeníssimos cinzéis que fragmentam o material com os quais entram em comtacto.

Não é necessário prosseguir para se aperceber que todos os instrumentos cortantes utilizados pelo homem são cinzéis, cuja forma depende da natureza do trabalho que se há de realizar.

A aplicação do princípio desta ferramenta aos mundos moral e mental é fácil de descobrir. Assim como o cinzel do trabalhador da pedra deve ser fabricado com material bem temperado, possuir um fio bem cortante e ser capaz de receber e transmitir a energia que se descarrega sobre o cabo, assim também, deve o maçom especulativo possuir qualidades morais, faculdades mentais e poderes espirituais com características correspondentes. O homem só pode atuar sobre o mundo que o rodeia, inclusive, sobre aua própria natureza, aplicando os poderes que possui em si mesmo, por meio dos órgãos de suas diversas faculdades. O material que

produzirá estas faculdades deve ser sadio; sentimentos generosos e bons, uma natureza espiritual, profunda e pura. Em todos os atos que ele realizar, seus poderes devem dirigir-se a um ponto ou fio, concentrando-se na obra; porque, se não houver concentração, a força se dispersa e torna-se impossível o êxito. O homem deve abrir caminho, límpida e puramente, através do labirinto da vida, sem consentir jamais, desviar-se do propósito traçado. No referente à moral, não se deve afastar da estrita linha da virtude; no mental, sua mente não se deve torcer nem perder a direção: há de abrir caminho entre o falso e o aparente, desdenhando o que não é essencial, para concentrar-se no que o é; no espiritual, há de possuir veráz e penetrante discernimento, de maneira que possa se aprofundar no coração das coisas e ver o invisível através do visível.

Além disso, os poderes do homem devem estar em condições de resistir à prova das dificuldades, abstrações e golpes produzidos pelas desilusões e fracassos, porque então, quando se põe verdadeiramente à prova, a verdadeira têmpera (índole), e a qualidade daqueles poderes fica, às vezes, destroçada, ao fazer um esforço violento, do mesmo modo que o fio do cinzel falha e é desviado de seu propósito. A natureza do homem pode consumir-se ou despedaçar-se como o material de uma ferramenta deficientemente fabricada, ou pode resistir seu labor sem desviar-se, com perfeita elasticidade e rebate como o aço bem temperado.

Uma vêz estudados os Ilns \ de T \ , em separado, e com algum detalhe, quiçá seja comveniente comparar e comtrastar as fumções pertencentes a cada um dos membros do grupo.

A princípio, não podemos senão nos pasmar face às diferenças fundamentais e radicais existentes entre a função da r \ d \ v \ q \ p \ e as do m \ e c \ . O primeiro: é um instrumento essencialmente estático e os outros dois são dinâmicos. Aquele indica o caminho, estes o percorrem. A r\ d \ v \ q \ p \ só se pode empregar bem, quando está estacionária, enquanto que os outros instrumentos só são úteis, quando se põe em movimento. A r \ é rígida, inflexível e fixa, além disso sua virtude está determinada de uma vez para sempre; os outros dois são essencialmente móveis e capazes de se adaptarem, infinitamente, às necessidades do trabalho e do operário. A r \ é impessoal ao passo que no m \ e no c \ se infunde à personalidade do indivíduo que com eles trabalha.

O Ap \ se apercebe facilmente o que tudo isso sinifica. Na vida há sempre pólos de espírito e matéria, enquanto os princípios da vida são fixos, as aplicações dos mesmos ao trabalho prático serão infinitamente flexíveis. Os ideais impessoais devem dirigir as energias pessoais. E assim como, cada golpe dado com o m \ sobre o c \ há de ter por objetivo o cortar a pedra, na medida assinalada pela r\ d \ v \ q \ p \ , assim também, os atos dos Maçons obedecerão fielmente os mandatos da mente. Toda a obra inteligente deve ser precedida de um projeto, cuja tarefa só pode ser realizada com a mente, a qual toma as suas medidas e dirige todas as atividades para o fim proposto.

Assim pois, os três Ilns \ de T \ do primeiro Grau representam a tríplice natureza do homem ou, pelo menos, sua tríplice natureza externa, ou seja, o corpo, os sentimentos e a mente. O homem se diferencia dos animais, por sua mente, sua inteligência, seu poder de planejar coisas, em uma palavra, por sua r \ d \ v \ q \ p \ que é necessariamente e sempre, o primeiro instrumento

e o mais importante de que se serve o pedreiro e determina o uso que este faz das demais ferramentas; assim também a mente é de suprema importância para o homem, uma vez que, de seu correto enprego depende sua natureza de homem. A função da inteligência consiste em dar ordens, e a dos desejos e do corpo, em obedecer.

Estudando detidamente a significação do m\ e do c\ como instrumentos de utilização ajustada, pode-se descobrir coisas de grande valor para os Maçons; porém se tal fizéssemos, elevaríamos o nosso estudo a um grau superior.

Estude o Ap\ sua própria natureza, com paciência e perseverança, separando em sua consciência, tão distintamente quanto lhe seja possível, os três fafores de seu eu externo: o corpo, os sentimentos ou sensações e a mente. Logo há de ver no maçom a representação simbólica de todo o poder que lhe dá energia, a qual deve aprender a manejar. Neste poder descobrirá a Força Onipotente. No c\ verá todas as faculdades, as quais deve desenvolver, educar e temperar aos propósitos da obra que tem diante de si que não outros que a construção do Templo Sagrado. É, na sua r\ d\ v\ q\ p\ descobrirá sua humanidade, Divino poder da razão que adornar-se-á da morada corpórea, dirigindo todas as coisas para o único grande objetivo: ao serviço do homem e à gloria do G\ A\ D\ U\. E, a medida que pondere sobre todas estas coisas e aperfeiçoe suas faculdades, de tal forma que, a energia nele existente possa obedecer, por meio destas, aos mandatos da mente, realizando belas obras de artifício, descobrirá o segredo de sua individualidade que, ao emergir no mesmíssimo fio de seu c\, o capacite para traçar (delinear) sua marca única e singular, sinal de sua

propriedade exclusiva por direito de nascimento, que só ele pode traçar.

Capítulo 4º

A INVESTIDURA

O Discurso de Investidura que pronuncia o 1º Vig\ no 1° Grau, é dos trechos mais notáveis do Ritual da Maçonaria. O acontecimento em si, dramático e de grande significação para o Ap\ recém iniciado, vai acompanhado de palavras cuja beleza sobressai entre muitas coisas belas selecionadas para conjurar, por associação, visões repletas de intensas sugestões emotivas, históricas, místicas e artísticas.

Dramático momento aquele em que se cinge da insígnea o novo Ir\, investido pela primeira vez, com o nome de Franco-Maçom. No curso da Iniciação, passou simbolicamente, por muitos perigos, provas e dificuldades; e depois de haver triunfado de todo, se aproxima ao lugar da Loja e encontra a Luz. Uma vez que tenha sido admitido pela Loja, como Membro da Antiga e Honorável Fratenidade é prestado o J\ ou Solene Promessa, e devidamente aceito e saudado como Ir\. O Ap\ aprende um s\, um t\ e uma p\, segredos pelos quais poderá se dar a conhecer a todos os IIr\ do mundo. Logo se põe o selo final à obra e se confia ao Ap\ o sinal externo de Franco-Maçom, sendo desde então, um maçom investido e perfeito.

Muito obtusa deve ser a imaginação do Cand\ que não se sinta profundamente comovido, quando escute as palavras que lhe dirige o Of\ investidor. A Águia romana, o Velocino de Ouro, a Ordem da Jarreteira e existem no inglês outras frases mais impregnadas do que estas, com o aroma da história, com as glórias do passado, com as insaciáveis aspirações dos místicos e dos videntes de todas as épocas, com o romance e a

gentileza da cavalaria, com as honras que os reis conferiam os grandes do país? Nos inolvidáveis momentos que a cerimônia se ocupa da investidura, desfilam por nossa imaginação tumultuosas imagens, nas quais ouvimos o rumor de numerosas pisadas das poderosas legiões romanas dando ao vento suas bandeiras, nas quais recordamos o espírito aventureiro dos cavaleiros que, em indomável busca pela terra toda, desafiavam perigos, passavam privações e venciam as dificuldades e temos a visão de tronos e cortes onde se concedem com magna pompa, honras e favores reais.

Razão tem o Ap\ para sentir-se orgulhoso como quaisquer dos que tenham recebido dons supremos, pois o que lhe dizem: que não há no mundo coisa tão bela como este Distintivo simples, com o qual se tem honrado desde tempos imemoriais, os puros de coração, os verdadeiros Maçons. Desta forma, o flamante irmão sente-se ligado aos séculos passados e vê desfilar ante seus olhos as corações que lhe precederam na escola maçônica.

"Nunca havereis de manchar a sua brancura"! Haverá algum Ap\, que neste momento solene, não faça o voto de afastar de si tudo o que possa manchar seu formoso Distintivo? "O Distintivo da Inocência" há de recordar-lhe, seguramente, a inocência da infância. "O vínculo da amizade"... não cabe dúvida que quererá usá-lo como tal. E ouvindo as palavras do V\ M\, o voto de desterrar, de afastar de si todos os pensamentos de animosidade para com os Irmãos.

O conteúdo e o alcance destas breves sentenças são imensos. Elas abarcam todas as etapas da vida com seus ideais, a bandeira do soldado, o santuário do devoto, a honra do estadista, a inocência da criança e a camaradagen e o companheirismo do homem. A cena da

investidura é uma cena dramática, um acabado triunfo da arte, um dígno remate de uma esplêndida cerimônia.

Muitos Maçons perguntam por que não é o V\ M\ o Of\ investidor, em vez do 1º Vig\. Este ponto tem muita importância, tanto sob o aspecto filosófico como sob o ponto de vista individual, e merece ser estudado. Não obstante, é necessário que examinenos antes, nitidamente, a relação exata que existe entre o V\ M\ e o 1º Vig\, para poder apreciar devidamente o problema e compreender, em todo o seu alcance, esta parte da cerimônia.

Estudemos primeiramente as relações gerais existentes entre os dois OOf\ principais. Estão situados em partes opostas da Loja, um frente ao outro, um deles olha para o Oc\ e o outro para o Or\, isto é, um dirige o olhar para a luz e o outro o afasta. Encontram-se os dois pólos, entre os quais se tece a trama da vida. São o Eu e o não Eu, o Uno e seu reflexo, o Espirito e a Matéria, a vida e a Forna, a alma e o corpo. O V\ M\ é a vida transbordante e infinita; o 1º Vig\ é a força ou rigidez onipotente que contém e domina a vida; aquele ilumina e instrui, este reflete e distribui. O V\ M\ representa a luz, o Sol nascente, a aurora, a manhã, o 1º Vig\ é o símbolo das Trevas, do Sol poente, da tarde, um é o princípio, o outro o fim; aquele abre o dia, este o cerra, anunciando a chegada da noite. O V\ M\ é o centro, o 1º Vig\ a circunferência o primeiro é o interno e o segundo o externo.

Pois bem, o Av\, distintivo do Franco-maçom, é a prenda mais usada de todas, é o sinal visível e externo do membro da Or\; a representação exterior da verdadeira natureza do homem interno. O Av\ não é senão a realidade interna, a pureza, a inocência, a fraternidade, ou melhor, é o símbolo de todas estas coisas, a re-

presentação na forma e na matéria de todas estas realidades espirituais.

Daí que, o Distintivo que é um objeto material e forma exterior, seja colocado pelo Of \ que representa as coisas externas.

O V \ M \ transmite a luz pura da verdade e da iluminação, ao passo que o 1º Vig \ apresenta a vasilha que contém a luz. O primeiro comunica os ssegr \ e diz a palavra, porém o segundo confere o distintivo exterior e proclama que o Ap \ possui todos estes segredos. A vida emana do V \ M \ ; a forma do 1º Vig \ . O V \ M \ prepara o coração; o 1º Vig \ veste o corpo. O primeiro abre as portas da vida ao candidato, o segundo outorga a forma que revela a natureza da vida, um meio para que possa se manifestar.

Vejamos agora o ponto de vista do indivíduo: o cingimento do Av \ (distintivo) é o alvo na vida do indivíduo, é um passo dado de avanço no progresso evolutivo, e um pórtico que dá acesso a uma vida nova e mais nobre. Ninguém pode levar um homem à Franco-Maçonaria, caso não se apresente expontaneamente, como Cand \ aos segredos e mistérios da antiga Franco-Maçonaria, na qualidade de homem livre, movido pela luz secreta de seu espírito.

Outros homens podem mostrar-lhe a luz, não podem porém, fazer com que a veja, uma vez que, quem deve dar os primeiros passos deve ser o Cand \ . O Asp \ deve apoiar-se em sua própria força e não na alheia. Os demais lhe apontam o caminho, porém deve ser ele quem o percorre.

Seu ser interno, seu V \ M \ lhe outorga a luz, na sua própria vontade que é sua própria Força há de impelí-lo a caminhar na luz e a difundí-la para que seus irmãos participem dela.

Daí que o 1º Vig∴, que no individual representa Vontade, cinge o Av∴ (distintivo) que proclama o passo que o novo maçom acaba de dar.

O ato da investidura é, pois, um dos mais dramáticos, comoventes e significativos do primeiro Grau. Impressiona de tal forma a quem se aproxima da Franco-Maçonaria com pura intenção que jamais esquecerá. O A∴M∴, considerado filosoficamente preenche todos os requisitos da clássica definição do sacramento, pois é um "sinal sensível e exterior de uma graça espiritual e interna". O Ap∴ que compreende bem sua significação, reconhece que aceita e veste este sinal exterior e visível, espontaneamente; sabe que tomou com inteira liberdade, a determinação de percorrer a senda da purificação que lhe conduzirá à iluminação, e compreende que, ao aceitar o Distintivo, se compromete a realizar a Obra que o néscio lhe impõe. Fez o voto soleníssimo de caminhar sempre adiante e não pode retroceder, a menos que falte à sua promessa. A sorte está lançada o primeiro passo está dado, agora ele deve seguir avançando continuamente, até unir-se à luz na qual tem posto os seus olhos.

O Segundo Grau

Capítulo 5º

O SEGUNDO GRAU

O chamamento do 2° Grau da Franco-Maçonaria é completamente diferente e distinto do 1º Grau. Isto é inevitável e lógico, pois assim como o homem é um ser completo, cuja constituição tem vários aspectos assim também a Franco-Maçonaria deve possuir aspectos que correspondam aos humanos. Só assim pode proclanar que sustenta uma filosofia completa da vida e um sistema de ética e moral em concordância com as múltiplas necessidades de seus adeptos.

Disto se deduz que, como são poucos os homens que chegaram a um perfeito desenvolvimento e como a maioria educou um dos aspectos de sua natureza mais que os outros, é lógico que não sintam a mesma predileção por todas as facetas da Franco-Maçonaria. Esta vulgar observação vem como anel ao dedo, no caso de que estamos tratando, pois é sabido que a maioria dos IIr∴ não correspondem com tanta presteza e entusiasmo ao 2° Grau, tanto como ao 1º Grau.

Vale pois a pena estudar este fato indubitável que tem importantes cossequências, procurando determinar as causas a que obedece.

Algumas das principais razões para que isto ocorra, não está muito distante nem são difíceis de encontrar. O 1° Grau é essencialmente moral e emocional; o 2° é mental e profundo. O 1° é um chamamento dos sentimentos; o 2° é uma exortação à mente. O 1° inculca virtude, o 2º prescreve ciência, um fala ao coração, o outro à cabeça. O 1° aconselha a pureza e a inocência; o outro recomenda o estudo minucioso e

observador dos mistérios ocultos que entesouram a natureza da Ciência.

Pois bem, na atual etapa evolutiva, quase todos os homens vivem mais dos sentimentos que do intelecto. E, por conseguinte, é muito mais fácil despertar emoções, do que induzir idéias, pode-se persuadir melhor aos homens, recorrendo a seus sentimentos que a seu cérebro, e até pode-se dizer que as ciências e as opiniões da grande massa humana se fundamentam mais nos sentimentos que na sabedoria, até tal extremo, que é difícil ter idéias que não estejam tingidas de emoção.

Além disso, a orígem de todas as ações, ou seja, a força primária motriz da vida encontra-se no reino da sensação e da emoção. Porque a emoçâo é que dá calor ao coração e acende nos espíritos as labaredas das grandes façanhas e dos atos de perseverança e de sacrifício.

Para a mente, a precisão e o detalhe são fafores indispensáveis; as emoções não obedecem à ordem alguma, pois são caprichosas. A mente percorre o seu caminho metodicamente, passo a passo; é serial e a sua concentração será sustentada. A emoção não segue nenhum método, não conhece regras, nem se preocupa por nada. Vive sua vida em relâmpagos. A emoçâo não tem consciência de si mesma. A razão é auto consciente e vigia todos os passos que dá. A emoção procura a força própria; os processos mentais requerem esforço deliberado.

Este, é um dos fatores importantes devido ao qual, o chamamento do 2° Grau seja menos potente do que o 1º, muito embora que no 1° Grau se proclame a lição do esforço repetido e infatigável, nem todos os CC\ aprenderam esta lição, nem, a incorporaram à sua vida.

Daí que, a vida mental, que exige nas primeiras etapas considerável e constante esforço, não seja tão atrativa e fácil como a espontânea vida emotiva.

É importante e necessário a todo o maçom, levar a sério a Maçonaria - pois ninguém é verdadeiro maçom se assim não proceder - e que compreenda claramente estas verdades psicológicas relativas à mente e à emoçâo, posto que, semelhante conhecimento lhe há de ser muito útil para poder chegar a ser um "verdadeiro maçom", e avançar mais uma etapa, ao expandir e desenvolver sua vida mental.

No primeiro Grau, se faz necessariamente obrigatório o uso do exercício constante e infatigável, porque esta é a "única maneira de dominar e purificar a emoção". Por isso, o trabalho do Ap \ enfoca-se neste Grau, principalmente, na sua própria natureza, com o objetivo de se preparar para a vida mental mais ampla e plena no segundo, na qual há de aprender se Mistérios ocultos da Natureza e da Ciência. Porém, antes de que ele possa conseguir isto, é preciso purificar a natureza moral. Não se pode ensinar a ciência aos impuros, porque a Franco-Maçonaria fundamenta-se na virtude e não se pode esperar que os tremendos poderes que se conferem à educação da mente, sejam utilizados unicamente, para si mesna, para sua recompensa; assim tanbém, a atividade mental e o pensar claro é preciso, sejam empregados para fins altruístas, se antes não se desenvolvessem sobre os cimentos da força moral e da virtude.

No ritual do 2° Grau se insiste continuamente na Ação, Assim, por exenplo, o primeiro incidente verdadeiro na entrada na Loja consiste em "atuar sobre o e \ " enquanto a invocação que se segue a isso, pede ao Ap \ que tenha energia para continuar a obra começada

indicando as palavras uma vida de ação. Em seu J\ , o Cand \ não só promete manter os princípios da virtude imaculados no 1° Grau, como também, jura que agirá como um verdadeiro e fiel maçom.

Depois do J\ sua atenção se volta para o único ponto do círculo exposto, porém não se lhe dá nenhuma chave de Sabedoria, pelo contrário, se lhe diz que deve descobrí-la por si mesmo.

E até o fato de que o 1º Vig \ não lhe dê nenhuma ordem, no momento da investidura, pode indicar essa mesma lição; isto é, a de que deve fazer o esforço por si mesmo. Não se lhe diz nada mais do que, simplesmente, que busque e siga o canal de sua atividade. O V\ M\ acrescenta então, que se espera do iniciado que estude a Ciência, preparando-se desta forma para cumprir os novos deveres que contrai. Este tema da açâo firme, persistente e definida, continua no transcorrer da cerimônia.

De maneira que, todas as cerimônias do 2° Grau asseguram ao Cand \ que a Loja espera que se dedique à açâo no mundo externo. Deste modo, o Cand \ aprende que é seu dever desenvolver a parte mental de sua natureza, coisa que só poderá conseguir à custa de constante esforço e, além disso, se lhe diz que, se não fizer isso, não será um verdadeiro M \ ou Artesão.

Esta última palavra recorda a Oficina de artesanato da vida, a atmosfera de trabalho inteligente e vigoroso porque as obras não serão úteis, seja qual for o elevado grau em que se realizam, se não se fundamentarem no saber, e dirigidas pela habilidade. Os labirintos da vida são tão intrincados, que não basta que nos guiem a inocência e a pureza, pois nossos esforços seriam inúteis se estas qualidades não fossem dirigidas pela sabedoria. O Templo Sagrado não se pode erigir tão só

com materiais de emoção, de virtude e sentimentos, os quais seriam insuficientes, ainda que fossem puros, bons e generosos. É necessário também a sabedoria, já que a ignorância é uma *"maldição de Deus"* e *"as asas da sabedoria são as que conduzem ao céu"*, como disse Schakespeare. Nunca se definiu melhor ao gênio do que quando se diz; *"que é uma infinita capacidade de trabalhar"*, definição que nos recorda a famosa frase de Édison que opina que esta faculdade consta de um por cento de inspiração e noventa e nove por cento de suor e transpiração.

A lição do trabalho árduo que nos exige a concentração, assim como esforço persistente e infatigável exercício, é fácil de compreender para quem faz a promessa de C\ M\ . Também é evidente e claríssimo, que o mundo em que trabalha principalmente o Artesão (Maçom Operativo) é o mental.

O dever do aprender não constitui somente trabalho, senão que, além disso, este esforço é recompensado por um prazer tão grande como o gozo que é acompanhado da emoçâo, porque o homem se manifesta na vida de três aspectos diferentes: pensando, sentindo e agindo ou Cognição, Emoçâo e Atividade; e o exercício afortunado e livre de qualquer destes três divinos dons, produz uma sensaçâo de engrandecimento da vida, acompanhada de um sentimento de expansão que é o prazer. Há um júbilo de bem estar fisico que se deleita, expressando-se em movimento físico. Há um jubilo de emoçâo que encontra abundantes meios de manifestação na vida do homem. E há também um júbilo do intelecto que se manifesta no exercício da mente, na atuaçâo da imaginação criadora. Assim como também estar físico é um gozo e assim como a virtude que não é outra coisa que o bem estar emocional têm em si mes-

mos sua recompensa, assim também, a atividade mental e o pensar claro e preciso são gozos de ordem mais intensos, que produzen vibrações tão profundas e plenas como as das coisas da vida emotiva.

De maneira que, não só constitui um prazer a posse de uma mente bem educada e rica, como além disso, aumenta extraordinariamente a intensidade e valia da experiência emocional, posto que, os sentimentos possam experimentar a sensação do mundo externo, em troca são capazes de compreender o que este é e, portanto, sua apreciação das belezas do umiverso há de ser, por força, limitada, tanto quanto ao seu grau, como quanto à sua extensão. As emoções se relacionam unicamente com a superfície das coisas e com suas aparências externas. A mente, ao contrário, pode penetrar além da superfície, até seu mais íntimo coração e compreender as leis de sua existência e estrutura e o mecanismo de sua vida e crescimento, não só, por meio do saber que nos proporciona a mente, podemos formar, uma idéia adequada - se é que tal coisa possa ocorrer - das maravilhosas manifestações do G \ A \ D \ U \ . As emoções sentem a beleza, o intelecto a concebe, a entende e a compreende. A emoção vê o afeto; a mente averigua a causa.

O Ap \ M \ desfruta no transcurso da cerimônia do 2° Grau, uma penetração profunda da significação da vida. Continuamente se lhe repete que seus futuros estudos hão de encaminhar-se para os mistérios ocultos da Natureza e, da Ciência e se aconselha que não deve se limitar tão somente ao cultivo e à prática da virtude, mas que, além disso, deve adquirir Sabedoria, mergulhar na Ação e penetrar nos esconderijos mais íntimos da Natureza e nas profundidades da Ciência.

Com tanta freqüência se repete no Ritual, a frase *“ocultos mistérios da Natureza e da Ciência”*, que é conveniente estudá-la a fundo para descobrir plenamente sua significação. Ë de supor que, de cada dez Maçons, haverá nove que entendam como "Ciência", os estudos da vida e da natureza compreendidos na Física, Química, Astronomia, Biologia e coisas neste estilo. Porém, esta interpretação não pode ser verdadeira, uma vez que, todas as ciências consistem meramente no estudo de vários aspectos da Natureza e, se interpretamos a palavra desta maneira, o termo “Natureza e Ciência” viria a ser quase uma tautologia, porque estas palavras significariam “Natureza e estudo da Natureza”, respectivamente. Porém não há que atribuir, tão apressadamente, esta redundância de linguagem a nosso Ritual, e menos ainda, ao do 2° Grau, notável por ser suscinto e conciso. Qual pode ser então, a verdadeira significação de “Natureza e Ciência”?

Recorramos, para averiguá-lo, à etimologia da palavra ciência. A raís “***sciens***”, derivada da latina “***scire***” conhecer, significa literalmente ”***conhecendo***”, de modo que, “ciência” é o ato de conhecer e não o resultado de conhecer ou conhecimento. Pois bem, o ato de conhecer é o exercício da consciência e, portanto, o termo “Natureza e Ciência” significa claramente Natureza e Consciência, isto é, o fenômeno da vida; tudo o que se pode abarcar com a palavra natureza e nossa apreciação ou compreensão do mesmo fenômeno, cujo ato damos o nome de conhecer ou Consciência. A psicologia que, em seu sentido mais amplo, abarca todas as manifestações da consciência, e um tema necessário e adequado às investigações do C \ M \ , em seus trabalhos do 2º grau.

Todavia, porém, podemos aprofundar algo mais e descobrir que a psicologia sendo o estudo da consciência

é uma das obrigações do 2º Grau. Reduzindo a vida a seus termos primários, chegamos eventualmente ao Eu, ao não Eu e à relação entre ambos. Esta relação é a consciência, constante ação recíproca, ação e reação, identificação e repúdio, etc. Pois bem, os três graus da Maçonaria se relacionam primeiramente com estes três fatores da vida.

No 1° Grau, nosso trabalho fundamental consiste em separar o Eu do não Eu e apreciar o lugar que a cada um destes aspectos lhe corresponde na vida. Ordena-se ao Ap \ que estabeleça boas relações entre ele e seus ccomp \ recomenda-se-lhe que pratique todas as virtudes sociais, domésticas e similares. Desta maneira, isto é, tratando de se harmonizar com seu ambiente, converte-se em cidadão virtuoso, justo e moralizado. Assim é como se chega a compreender algo dos três fatores, ou seja, de si mesmo, do mundo exterior a si mesmo e de sua relação com este mundo.

No 2° Grau, o processo dá mais um passo. Agora, a Franco-Maçonaria há de aproximar-se de sua própria consciência, empreendendo o estudo definido, detalhado, exato de seu ambiente que é a natureza de sua relação com este ambiente, ou seja, da consciência, ciência ou ato de conhecer. Quando ele, adquiriu certo grau de consciência de si mesmo, e não só haja acrescido sua virtude e utilidade, mas, que além disso, aprendeu algo do verdadeiro Ofício da Vida, estará em condições de realizar a última etapa de sua tarefa: o conhecimento de si mesmo, a plena consciência do seu Eu.

No 3º Grau, aprenderá a submergir nos reinos da consciência pura, nos domínios do Eu, deixando atrás de si todas as formas exteriores, até o seu próprio corpo; encarar-se-á consigo mesmo como puro Ser e apre-enderá que há de sobreviver à morte do corpo; ainda

mais saberá que sobreviverá à perda de sua própria personalidade, quando chegue a ser M \ M \ .

Isto quer dizer que o C \ M \ descobrirá na simples frase *“Os Mistérios ocultos da Natureza e da Ciência”*, um grandioso significado e um guia prático que o sirva para percorrer o ascendente caminho pelo qual alcançará a plenitude maçônica e realizará, a si mesmo como M \ .

O 2° Grau, considerado em conjunto, é um chamamento à mente individual do Maçom que trabalhou firmemente em sua natureza moral e emotiva, durante a aprendizagen. A cerimônia do 2º Grau tem por objetivo apresentar ante o Cand \ o vasto panorama do campo de conhecimento, com os homems trabalhando de diferentes maneiras, cada qual de acordo com o seu temperamento e habilidade, porém, todos encaminhando suas energias ao objetivo comum de beneficiar a humanidade. Depois, deve eleger sua senda, marchar e trabalhar na mesma, como verdadeiro e fiel C\ M \ . É ele quem deve tomar a iniciativa, eleger e decidir, porque a Maçonaria não tem por objetivo fazer autômatos que obedeçam cegamente, mas, pelo comtrário, obreiros inteligentes, capazes de eleger por si mesmos a parte da construção do Templo que só eles podem realizar, porque, cada um dos outros trabalhadores é único, individual. Cada C\ tem uma tonalidade jamais ouvida antes e toda sua obra de trabalhador leva a marca de sua própria individualidade; marca que unicamente ele pode estampar. Nisto consiste a essência da cerimônia do 2° Grau, a verdadeira chave do arco de sua mensagem e enquanto o Maçom não termine esta tarefa, enquanto não erija uma individualidade, única, integral e forte, que se baste, a si mesmo, não estará em condições de ocupar lugar no exército dos construtores.

Existe um paralelismo interessante entre o 1° e 2º graus, admirável exemplo de repetição de certos temas fundamentais em diferentes graus da Maçonaria, temas que se expressarm nos termos do grau em que se trabalha. Assim, no grau de A \ se insiste na liberdade de vontade do Cand \ ; pergunta-se-lhe se é livre, se vem à Maçonaria espontaneamente, sem ter sido influenciado por alguém, e se se oferece livre e voluntariamente. Imediatamente depois de haver prestado J \ sol \ , se faz saber ao Cand \ ou aspirante, que a Maçonaria é livre e pede perfeita lberdade de inclinações a seus mistérios. No 1° Grau é importante a liberdade de motivo. De forma que não deve haver coação e nem persuaçâo, mas que a iniciativa deva partir do Candidato.

No 2° Grau, volta-se a insistir na liberdade, porém, menos diretamente do que no 1°. No grau de C \ em que se mostra sensatamente, que os motivos se purificaram no interior, a liberdade é coisa de eleição mental, mais que emocional, e questão de juízo mais que sentimento. O Cand \ deve eleger entre os múltiplos campos de trabalho que se apresentam ante seus olhos, o caminho que deseja percorrer. Não se aconselha e nem nada é sugerido acerca do melhor lhe convenha, porque, há de ser ele mesmo que faça tudo.Tão só se pode decidir qual a linha que deverá seguir, para então, chegar à individualidade ou estar próximo a ela; nome secreto escrito em seu coração que só o que o recebe é capaz de ler. Assim, é como voltar, a pedir ao maçom que tenha iniciativa - iniciativa plena, livre, não restringida por ninguém, nem por nada - na qual consiste a suprema lição deste grau.

A tarefa não é fácil, porque o Obreiro não chegou ainda a esta etapa, ao Centro, nem encontrou o Eu. No entanto, tem que fazer a escolha, pois se deixasse de

fazê-la, seria destruído pelas circunstâncias e perderia de vista o estreito e único caminho que o pode conduzir à mente.

Uma das maiores dificuldades que há de enfrentar o Obreiro é a de permanecer completamente só, enquanto faz a escolha, coisa que se torna difícil, porque a ver-se obrigado, aparentemente, a separar-se de seus IIr \ e a insistir nessa separatividade, com que teve de combater ardentemente no 1° Grau. Porque, no 1º Grau desenvolveu o sentimento de fraternidade e união, fortalecendo os laços de afeto que o uniam a seus camaradas Maçons, porém, quando chega a C \ , há de agir como se ignorasse estes poderosos afetos, porque estes podem ajudá-lo a resolver seu problema, o qual só ele pode solucionar, já que é diferente de todos os demais Maçons que chegam ao Grau de C \ .

Na afirmação de sua individualidade, na expressão de seu próprio caráter que o distingue de todos os demais obreiros, existem dois princípios canalizadores que indicam os limites de sua eleição. A individualidade não deve, de nenhuma maneira, intrometer-se nos direitos alheios, nem menoscabá-los, pois, deve "manter os princípios inculcados no 1° Grau". Tão pouco nada deve esquecer do que aprendeu no 1° Grau, sem ferir nenhum dos princípios da virtude e da conduta moral. O segundo princípio pelo qual há de se guiar, consiste em obedecer as leis do 2° Grau que se simbolizam de modo tão vívido em seus IIns \ de Trab \ , isto é, no e \ e no p \ (o n \ não e mais que a combinação dos dois primeiros). O e \ , base da geometria de medição, é o princípio do conhecimento, ou ciência da lei física mais fundamental da natureza, isto é, da gravitação, qualidade primária da matéria. Portanto, as leis da ética, assim como as da natureza são ensinadas ao Obreiro, como princípios

guias que deverá ter presente, ao criar ou expressar sua Arte ou Individualidade.

Agora já estudamos algumas das razões porque o chamamento do 2° Grau seja tão fundamentalmente diferente correspondente ao 1º Grau. A mensagen do 1° Grau é de purificação, como corresponde ao passo necessário que se dá, para adquirir e empregar adequadamente a Sabedoria, pois o g \ diz; "Sê puro, não faças mal". Este chamado provoca uma resposta que, correntemente, vem apoiar a crença na bondade essencial do coração humano, e desmente a perversa doutrina do "Pecado original". Por outra parte, a mensagem do 2° Grau é também de trabalho hábil, o qual só podem realizar os que adquirirão conhecimentos. A exortação do grau é "Busca a sabedoria; aprende a fazer bem as coisas".

A aquisição da virtude e, relativamente falando, menos difícil que a educação e enriquecimento da mente, posto que, não é impossível eliminar o ódio e, além disso, o acréscimo do amor se realiza rápida e regularmente, uma vez que se tenham cortado as barreiras daquele. De modo que, não é inconcebível uma vida de perfeita virtude.

No mundo da mente não ocorre o mesmo, porque se vê o horizonte e o saber parece não ter limites. Para a mente, a vida é quase infinitamente complexa e os vislumbres de Sabedoria que, com trabalho, conseguimos divisar, nos revelam o vasto abismo de ignorância que havemos de nos livrar, antes que possamos penetrar nos mistérios da natureza e da ciência. A aquisição do conhecimento suficiente que nos permite enfrentar judiciosamente, todos os problemas da vida, com que lutanos diariamente, é mais lenta e difícil de consumar,

que o anelo de viver do acordo com os preceitos de moral e de virtude.

Além disso, na vida moral, nos é proveitosa a ajuda que nos prestam os que seguem o mesmo caminho que nós. A vida da mente e, pelo contrário, muito mais individualista, pois exige que cada qual enfrente seus problemas em solidão quase absoluta e quase sempre sem ajuda.

Assim, o ensinamento íntegro do 2° Grau se enfoca na idéia central da individualidade. Cada trabalhador aprenderá o seu ofício, seguindo uma linha própria, insistindo em si mesmo e não imitando jamais, como disse Emerson. O indivíduo não estará em condições de suportar a suprema prova que o aguarda no grau de M \ M \ enquanto não se estabilize e se consolide firmemente na força de sua Arte.

Capítulo 6º

OS INSTRUMENTOS DE TRABALHO DO 2° GRAU

Aquilo que, quiçá, caracteriza melhor cada grau na Maçonaria, são seus IIns \ de Trab \ , os quais são escolhidos de maneira a que sintetizem e expressem, graficamente, a essência do que se trata do ensinar ao estudante.

Estes IIns \ de Trab \ podem ser estudados de duas maneiras principais uma delas consiste em observar o uso que deles fazem os Maçons ou pedreiros operativos; a outra, em analizar os princípios filosóficos e fundamentais em que cada um se baseia. Desta forma, estaremos em condições de perceber a lição espiritual que cada um destes instrumentos encerra, assim como também, os meios materiais de expressar semelhante ensinamento espiritual na vida prática.

Não obstante, é necessário que tenhamos presente em nosso estudo Maçônico, que a Maçonaria é uma ciência progressiva o que seus três graus consistem, ou melhor, constituem um todo ou conjunto. O mesmo pode-se dizer dos IIns \ de Trab \ cujos três grupos são progressivos, ainda que cada um siga, lógica e essencialmente aos que lhe precederam, e o conjunto constitui um completo e íntegro complemento. Por conseguinte, creio que será proveitoso fazer uma comparação sucinta dos IIns \ de Trab \ do Ap \ com os de C \ , para compenetramo-nos de sua ordem de sucessão e de sua afinidade.

As diferenças existentes entre os IIns \ de Trab \ do 1° e do 2° Graus são muitas e notáveis. Do ponto de vista operativo, o Ap \ talhará a pedra bruta, dando o tamanho e a forma devidos, por meio do m \ e do c \ . Realiza seu trabalho na Cantaria (pedreira), onde prepa-

ra isoladamente as pedras, cuja medida se lhe dá obedecendo a um plano que ele ignora. Trabalha em uma só pedra cada vez e não é necessário que saiba onde esta será colocada, nem qual a sua relação com as demais.

No entanto, quando chega ao grau de C \ , seu trabalho toma novo aspecto e dá um importante avanço à sua arte. Não se há de esquecer que, embora ao Comp \ se lhe entregou novos instrumentos com que trabalhar, estes não substituem os do 1° Grau, ao contrário, agregam-se a eles, portanto, conserva ele a r \ d \ v \ q \ p \ , o m \ e o c\ ainda resta trabalho para realizar com eles. Na realidade, se lhe diz que, embora até aqui não tenha se ocupado senão em dar forma a pedra bruta, agora terá de prepará-la melhor, suavizando e polindo suas superfícies, cortando as molduras e etc., afim de embelezar e dar elegância à estrutura, trabalho que se pode realizar integralmente com a r \ d \ v \ q \ p \ , o m \ e o c\ . A relação disso com o problema da Individualidade, que constitui o ensinamento supremo do 2º Grau tem grande importância e significação, por isso, pensamos tratar mais tarde sobre este particular.

Os novos instrumentos que agora se agregam ao equipamento do maçom são o e \ o n \ e o pr \ , símbolos que são os mais significativos da parte formal da Maçonaria, já que o T \ se erige sobre um fundamento à nível, traça-se com o e \ e levanta pedra por pedra, ajustando-as com o pr \ . Por isso parece apropriado que estes três instrumentos de Trab \ caracterizam o 2º Grau, que é o central e que sejam as jóias móveis dos três principais OOf \ , cuja posição indica seu valor supremo e o seu lugar único no íntegro esquema.

Exceto o esq \ em que o maçom emprega a r \ d \ v \ q \ p \ em todas as etapas de seu trabalho, por ser

indispensável a todos os graus de trabalhadores, seja qual for a sua categoria, o n \ e a r \ se utilizan unicamente, na sede do T\ . É evidente que o Ap \ não necessite do n\ nem do pr \ , instrumentos de relação, para dar forma às pedras separadas da pedreira. Em troca, o C \ que trabalha no solar em que se edifica, colocando pedra sobre pedra, não poderia levar a cabo sua tarefa sem o n \ e o pr \ . Cada fileira deve estar nivelada cuidadosamente, e cada pedra deve ser colocada com perfeita verticalidade, posição que as comprova facilmente por meio do pr \ .

Considerado sob este ponto de vista, o trabalho do Ap \ é individualista, uma vez que se dedica a preparar as pedras, isoladamente; enquanto que o do C \ M \ é de associação, já que sua tarefa consiste eu colocar as pedras em perfeita relação mútua, e em procurar que seu tratalho se ajuste corretamente com as outras partes do edifício que constroem para os demais Maçons. De modo que a ereção (erigir) de uma individualidade estável, fundamentada firmemente na força, é labor que inicia o Ap \ no princípio de sua carreira, porém, que unicamente pode ser aperfeiçoada pelo C \ M \ .

Os IInst \ de T\ dos dois primeiros graus podem comparar-se de outro modo interessante. A r \ d \ v \ q \ p \ e o esq \ , que são os primeiros do cada série, são instrumentos estáticos, isto é, que unicamente se utilizam quando pemanecem parados, embora tornem-se rígidos e imóveis quando se aplicaca à obra, para que possam ser úteis.

No entanto, entre os outros dois de cada série, há um marcante contraste. Enquanto o n \ e o pr \ são instrumentos estáticos, o m \ e o c \ são essencialmente dinâmicos. Eistes dois últimos só são úteis, quando em

movimento, pois, a não ser assim, teriam tanto valor para o maçom como o talento enterrado na parábola bíblica. Empregam-se em cortar o material e separar os pedaços desnecessários. Por outra parte, o n \ e o pr \ não são úteis, quando se acham em estado de movimento e igualmente a r \ d \ v \ q \ p \ e o e \ hão de estar imóveis para que se possa comprovar a perfeição da obra, a qual variará tanto, até que se ajuste às regras dos mencionados instrumentos.

De modo que a força não é adquirida, senão pelo movimento, pelo exercício da faculdade e pelo "infatigável esforço", e assim mesmo, a Individualidade do Artífice se estabiliza, firma-se e torna-se serena, quando essa força obedece às leis da Natureza e da Ciência.

Se for considerado sob o ponto de vista de sua flexibilidade e adaptação, os Ilns \ de T \ do Ap \ e do C \ nos leva à descoberta de outro elemento de grande valor expressivo quanto ao problema da Individualidade. Em primeiro lugar, descobriremos novamente que existe certa semelhança entre os primeiros Ilns \ de T \ de cada grupo e que há há radical diferença entre os restantes de cada grau. Assim que, a r \ d \ v \ q \ p \ e o esq \ são fixos e invariáveis, e nosso trabalho há de ajustar-se a eles, uma vez que determinemos o número de unidades da r \ e o lugar onde devemos colocar os ângulos retos ou esquadrias. Não se pode permitir nenhuma latitude, pois que qualquer variação é um erro e uma divergência da verdade.

Esta mesma reflexão pode se aplicar também ao n \ e ao pr \ , os quais se deve ajustar implicitamente, com escrupulosa fidelidade, para que o trabalho não fracasse. Não sobra lugar a eles para o exercício da individualidade, do temperamento e do gosto pessoal. Todo o desvio da obra planejada na base do e \ que

tenda à separação, ou seja, a separar-se da horizontal e da vertical, é errônea, porque estas variantes do projeto não são manifestações da verdadeira individualidade, mas impressões devidas à negligência ou obstinação. A individualidade não se alcança transgredindo a lei, nem se separando dos princípios fundamentais da Natureza e da Ciência, senão por meio de algo mais sutil e profundo. Longe de ser a verdadeira individualidade um conjunto de erros e imperfeições, consiste em obedecer às leis com escrupulosa fidelidade, ou melhor dito, a individualidade se vaie das leis para atingir seus propósitos, agindo como verdadeiro e “Artífice” e, realizando, outrossim, o milagre de ser única, integral e diferente de todos os demais indivíduos. Este é, indubitavelmente, o grande paradoxo da Individualidade, cuja solução se evita no grau supremo.

Pois bem, se a verdadeira expressão da individualidade não se baseia na infração da lei ou na aplicação defeituosa do e\, do n\ e do pr\, onde poderemos encontrá-la? Como a individualidade pertence, por excelência, ao 2^ Grau, parece lógico, qua encontraríamos a solução nos Ilns\ de T\ característicos deste grau; porém, não é assim. Mesmo sendo certo que a formação da individualidade é a obra suprema do C\, deve-se ter em conta que são necessários nessa obra, os instrumentos do 1° Grau, assim como a Sabedoria do 3° Grau, se não quiserem sofrer graves riscos. Pois, quando se luta para achar a Individualidade e para consolidá-la, devem ser evocados os estratagemas do egoísmo, do orgulho e do “pecado da separatividade”, tendência separativa que costuma atribuir às elocubrações da mente, cujo desenvolvimento constitui a prerrogativa essencial do grau de C\M\. Portanto, antes que o Cand\ se lance a estudar com verdadeira intensidade

o problema da Individualidade, aconselhamos que seja exaltado ao 3° Grau e aprenda como M \ M \ que até a mesma Individualidade deve ser transcendida e morta. É preciso que aprenda que a Individualidade não é um fim, mas um meio que conduz a uma meta mais elevada. Se ele se concentrar no problema da Individualidade, carecendo desta sabedoria e considerasse que a formação desta é um fim, um lucro, um ganho suficiente, correria então o grande perigo de incorrer em erros que teriam como conseqüências estorvar seu progresso ulterior na Ciência da Maçonaria.

Contra este perigo nos precavêm os ensinamentos do 2° Grau, quando nos ensina a importante lição do Serviço, posto que, se aprender e bem aplicar esta lição, o enorme poder da Individualidade canalisar-se-á pelos caminhos do serviço altruísta, com o qual alcançará seu desenvolvimento saudável e não mórbido.

Assim pois, uma vez que reconheceu que o perigo do egoísmo e da separatividade não se pode evitar, senão consagrando todas as faculdades adquiridas ao serviço altruísta, e uma vez que aprendeu que o milagre da Invidualidade. não é um fim, mas o meio de nos valermos para alcançar um fim melhor, tratemos de descobrir a aparição da Individualidade; porém, não na maneira de empregar os IIns \ de T \ do 2° Grau, mas no uso que faz dos últimos instrumentos do 1° Grau, conhecidos pelos nomes de m \ e c \ ; pois já dissemos que a Individualidade do Maçom ou Artífice chega a sua fruição e expressão no gume ou fio do c \ .

Como já foi dito, o e \ , o n \ e o pr \ não deixam margen para o pessoal ou individual, porque estes instrumentos são inflexíveis e invariáveis ao contrário, o n \ e o c \ dão lugar a uma real variedade e uma flexibilidade infinitas. Não há dois trabalhadores que usem o

gume de seu c \ de idêntica maneira, assim como não há duas pessoas que falem ou escrevam exatamente igual. Na realidade, os Artífices se distínguem entre si pelo diferente uso do gume. Os trabalhadores da pedra ou Maçons operativos gravam as suas marcas com o gume do c \ e nenhum homem pode fazer a marca do outro, a marca de cada homem é única, própria e eternamente distinta da marca de todo o outro homem.

Especulativamente, o g \ do c \ é a linha divisória entre o Eu e o não Eu; a linha onde o trabalhador entra em contato com a sua obra, em que o organismo se choca e reaciona contra o ambiente. Nesta linha é onde emerge a Individualidade, porque o que constitui a coisa única de cada organismo individual é a forma em que é afetado pelo ambiente, o modo de reacionar contra ele e de dominá-lo. E esta linha é o gume do c \ .

Uma vez feitas estas considerações, passemos a examinar com maior minuciosidade a natureza intrínseca dos Ilns \ de T \ correspondentes ao 2º Grau, e vejamos as lições ulteriores que podem ensinar ao maçom.

Já vímos que, quando o 1° Grau é primariamente moral, o segundo é mental em essência, uma vez que seu objetivo consiste em expandir e desenvolver a mente, adaptando suas múltiplas faculdades ao serviço da humanidade. Portanto, os Ilns \ de T \ do 2º Grau devem ser de natureza mental, isto é o que precisamente ocorre. Certo é que no 1º Grau apontam os começos do processo mental indicados por meio da r \ d \ v \ q \ p \ , porque as observações só se fazem, empregando a r \ e reunindo desta forma os elementos materiais com que se há de realizar aquela. Entre tanto, no 2º Grau, a razão se encarna, especialmente, no símbolo do e \ , emblema em que se baseia toda a parte formal da Maçonaria.

O e \ é, sem dúvida alguma, o mais fundamental e símples dos símbolos do processo do raciocínio imaginados pelo homem e por conseguinte, as significações que se podem dar aos seus aspectos inumeráveis são infinitos. Pode ser concebido que sua origem e o resultado de observar a relação existente entre os objetos tão símples, como as linhas retas. O homem primitivo que joga com dois paus, chega a colocá-los algumas vezes, em cruz, formando ângulos retos, e, então, se dá conta de que esta posição é única e de que se diferencia de todas as demais, em que é sempre a mesma, de qualquer ponto em que contempla; isto é, que os quatro ângulos são iguais. Toda a geometria, toda a mediçâo de formas e objetos, todos os processos da razão se derivam da percepção desta única relação de quadratura. Pois que, os processos da razão são problemas da consciência, (de conhecer - sciens, em latim) e da Ciência. Daí que, o e \ , indique ao maçom que o ato de conhecer ou Ciência é a medula da Maçonaria.

Se nos fixarmos novamente na r \ d \ v \ q \ p \ que é o primeiro Ins \ de T \ do maçom - cujo emprego, jamais se exaltará o suficiente, já que sua lição consiste em observar ou medir - e a aplicamos à Natureza, a nosso ambiente material, percebemos um vasto panorama de fenômenos no mundo que nos rodeia, à medida que continuamos observando o processo da Natureza, começaremos a notar, gradualmente, que existe ordem, onde a principio acreditávamos era um ininteligível caos de acontecimentos. Esta ordem regular e metódica das coisas recebe o nome de Leis Naturais, entre as quais a da gravitação é a mais universal, fundamental e importante, uma vez que atua onde quer que exista matéria. As demais manifestações das Leis da Natureza vêm e vão

de acordo com as circunstâncias, porém, sempre que exista matéria, está presente a gravitação, pois é sabido que a matéria e a gravitação são inseparáveis.

Pois bem, o pr \ é o símbolo indubitável da gravitação, o mais típico dos que o homem idealizou para indicar as leis e os processos da Natureza, das quais a gravitação é a mais importante.

E, por último, chegamos ao n\ que é uma, combinação do e \ e do pr \ da Ciência e da Natureza.

Desta forma se percebe claramente a significação dos IIns \ de T \ correspondentes ao 2° Grau da Maçonaria: o e \ aconselha ao C \ que pense, que empregue a razão; o pr \ lhe diz que estude a Natureza e o n \ - lhe ensina a combinar sua razão com as forças da Natureza. Toda a arte e toda a exposição raciocinada da civilização se descreve por meio desta símples e gráfica maneira. A mesma palavra "*Man*" - homem - se deriva do som sânscrito Manas que significa Mente, porque o homem é homem por ser inteligente e raciocinador. A razão é sua Divina prerrogativa e só por meio dela pode ele elevar-se a maiores alturas, onde todavia, esperam sua manifestação mais maravilhosa e onde, quiçá, até a própria razão deve ser substituída por um processo ainda mais perfeito. Sem embargo, o C \ M \ tem o dever supremo de cultivar a inteligência e a razão e valer-se delas. A isto unir-se-á a observação da Natureza, com vistas a unir suas forças à inteligência do homem para chegar à finalidade suprema que tem ante si e que não é outra coisa que a construção do T \ Sagrado, isto é, que, para a realização desta grande otra, a Natureza procura a força e o homem motiva a inteligência diretora daquela.

Em conseqüência, vemos que, assim como o pr \ representa a Natureza e a atuação de suas leis e o e \ é o emblema do processo de consciência - do ato de co-

nhecer ou Ciência - assim também, os Mistérios Ocultos da Natureza e a Ciência a que se faz referência tão a miúde no Ritual do 2º Grau, são simbolizados simplesmente por meio do primeiro e do terceiro dos IIns \ de T \ do Grau, os quais se unem para formar o segundo - o n \ - cujo uso consiste em por os cimentos para edificar sobre eles a parte superior da fábrica.

Em conclusão, seja talvez proveitoso que, recapitulando sucintamente as lições que temos deduzido dos IIns \ de T\ pertencentes ao, C \ M \ . Vimos primeiramente, que os IInst \ de T\ do Ap \ são utilizados na Cantaria, para trabalhar pedras isoladas, já que não corresponde a este grau a relação entre as pedras individuais. Ao contrário, o C \ M \ faz uso de seus instrumentos no solar em que edifica, instrumentos que se adaptam especialmente, para ajustar entre si as diferentes pedras com maior precisão, pelo que o trabalho do C \ M \ é associativo.

Os instrumentos referentes ao 2° Grau são, precisamente, as jóias movéis dos três OOf \ principais e as mais características, no que diz respeito à forma, de todos os símbolos da Maçonaria. Enquanto que o primeiro Ins \ de T \ do A \ M \ é estático, por sê-lo de medida, melhor que de movimento executivo; os outros dois são dinâmicos; os três instrumentos do C\ M \ são estáticos. Os dois instrumentos do primeiro grau são flexíveis e proporcionam o amplo campo para a variedade e expressão da individualidade, enquanto que os três do 2º Grau são fatalmente impessoais, têm de ser obedecidos de modo implícito e não dão margem para o exercício da individualidade.

No entanto, a quem cabe principalmente a formação de sua separada individualidade é a do C \ M \ e não a do A \ M \ . Para isto, não se servirá dos instrumentos

do segundo grau, mas, necessariamente dos do primeiro grau. Como o gume do c \ , o C \ M \ encontra e expressa a sua individualidade, e escreve este sagrado nome que ninguém pode conhecer excepto quem o recebeu.

Assim como o primeiro grau é moral, o segundo é mental e seus IIns \ de T \ tem a mesma característica. De maneira que, o e \ simboliza os começos da razão; o pr \ a apreciação da lei mais fundamental da Natureza e o n \ a união dos dois para servir ao homem.

Assim que, o ensinamento dos IIns \ de T \ do segundo grau podem ser condensados em poucas, palavras: Pensar, Observar e Trabalhar com a Natureza. Se o Artífice maçom assim proceder, chegará um dia em que descobrirá que realisou o milagre da Individualidade no gume do c \ , então, se dará conta de que, no centro de seu ser individual existem a Sabedoria, a Força e a Beleza infinitas que, segundo o que foi dito no primeiro grau, residem também no G \ A \ D \ U \ , porque o maçom deve saber que, assim como o G \ A \ D \ U \ é o centro de seu universo - assim também, sua reprodução é nosso centro, nosso Legislador interno e Imortal e deverá se dar conta, também, de que nossa natureza se harmonizará com a de seu Creador.

O Terceiro Grau

Capítulo 7º

O TERCEIRO GRAU

No 3° Grau da Franco-Maçonaria, descobrimos insinuações muito diferentes das encontradas nos graus precedentes. O M \ M \ entra no campo de uma nova influência: chega a um mundo novo e rasga um dos véus que o separara da verdadeira compreensão da vida e da morte. Esta atmosfera tão real e tão difícil de descobrir, é, talvez o traço mais característico desse grau, no qual experimentamos a sensação do mistério, de algo que sentimos e sabemos que existe ali, porém, que está fora de nosso alcance. Dirigímo-nos diretamente para ele e quando estamos a ponto de apanhá-lo, nos escapa, e ficamos desanimados, no entanto, nos sentimos ao mesmo tempo ditosos e cheios do beatitude, porque, ainda que não tenhamos chegado ao inalcançável, estivemos perto de conseguí-lo, que esta proximidade nos faz estremecer de satisfação. Não descobrimos os segredos; porém isto não importa, porque na realidade, jamais esperávamos conseguí-lo. Entretanto, temos algo que o substitui, e que nos servirá até que chegue o dia em que alcancemos o impossível e possamos contemplar de frente a realidade. Até o fato de que existem os segredos sutstitutivos, nos dá a certeza de que os verdadeiros são reais e, de que existem em alguma parte ou seja, no "C \ ".

Supremo esforço nos é dirigido para chegarmos ao centro, porém, como depois nos é impossível permanecer nesse vertiginoso ponto de equilíbrio - nessa posição sem magnitude, como disse tão acertadamente Euclides – saimos dali antes que tenhamos tempo de ver

a sublime e pavorosa realidade que enche o vasto do nada. Não podemos porém, esquecer o fato de haver estado no C\, durante um fugaz instante, levando comosco uma recordação vaga e turva de um instantâneo vislumbre do inefável; e, desta maneira, guardamos o tesouro de nossos segredos substitutivos como coisas inapreciáveis, porque uma prova, uma recordação e um símbolo final e último que, quando se resolver, tornará claro todas as coisas e nos mostrará a resplandescente visão do T\ Perfeito e acabado.

O 3° Grau é algo desconcertante, porque está cheio de “pares de opostos”. Não achamos conveniente referir-nos a eles nesse livro; porém, podem os leitores imaginá-los e perceber a luta entre os poderes da luz e das trevas; do bem e do mal que se verifica no transcurso de toda a cerimônia. A vida e a morte, o amor e o ódio os impele mutuamente, e a morte é substituída pela imortalidade.

A justa posição de todos estes elementos opostos, junto ao dramatismo da tragédia, hão de exercer, por força, poderosa influência, em todo aquele que tome parte na cerimônia, rebulindo intensamente esses lugares secretos do coração, nos quais moram a consciência e a beleza dos mistérios da vida. Poucos são os que, depois de assistirem a cerimônia de exaltação, possam ficar indiferentes ao significado da vida e da morte, ao processo da evolução, ao estudo de sua própria origem e de seu destino.

Este é o objetivo primário do 3° Grau Franco-Maçônico. Não basta haver adquirido a virtude que se inculca no 1° Grau, nem haver dominado a sabedoria concebível com a morte, como exige o 2° Grau, pois que ao M\ M\ se lhe pede algo mais profundo, amplo e compreensível. É preciso que se olhe além da vida, para

que possa compreender toda a sua significação; a experiência da morte é a única que pode fazer a vida inteligível e revelar-nos o seu significado. Ninguém sabe o que é a vida, o que é a morte, supremo segredo, até a cujos umbrais chegue o M\ M\ . Pode ele ir ao Oc\ , retornar ao Or\ e encontrar a paz no C\ , a calma desse ponto de onde não pode separar-se como M\ M\ ?

Sim, é possível, porque se não o fosse, a Franco-Maçonaria e os antigos Mistérios, aos quais, aquela é tão idêntica, não teriam sigriifacação alguma e viriam a ser como portas que não darian entrada a nenhuma parte. Os segredos verdadeiros e embora não possam ser explicados, copiados ou comunicados, cada qual pode encontrá-los com a ajuda dos segredos substitutivos. Ainda que estando vivo, é possível transladar-se ao vale sombrio da morte e chegar à outra margem. Hoje em dia e possível que um homem perca a sua vida ao mesmo tempo que a encontre; e pode ocorrer que, ao, chagar à porta dos Mistérios, esta se abra para ele, de par em par. Aquele que for verdadeiro M\ M\ , pode descobrir entre o tumulto do mundo, entre as dores e agonias do corpo, entre o torvelinho das dissenções humanas e o caminhar devastador dos acontecimentos, pode descobrir, repetimos, o C\ chegará a ele e morar nele em paz e serenidade, pode descobrir seu Eu incomovível ante às cambiantes fantasmagorias do Universo, sempre variável; seu Eu desapaixonado, separado, forte e incomovível, firme e resoluto, vendo as coisas todas, amando tudo, fazendo tudo, apesar de que sempre se ache inativo e afastado. Para chegar a esta meta, há tantos caminhos assim como classes de homems. Um pode chegar, valendo-se da suprema filosofia; outro pela devoção e um terceiro, por uma ação sensata. Tanto o filósofo quanto o santo e como o homem de ação, podem encon-

trar, à sua maneira, o C \ , onde residem os verdadeiros segredos, do M \ M \ e podem voltar dali, para dizê-los a seus camaradas trazendo consigo esses segredos substitutivos que só são explicáveis, ao se valer da linguagem dos que não chegarão todavia ao C \ .

Generalizando, podemos dizer que o primeiro Grau, exorta a viver a vida reta; que o segundo recomenda o pensar reto e que o terceiro nos encaminha para a contemplação do fim inevitável.

Pois bem, qual é na realidade, o ensinamento da Franco-Maçonaria a respeito deste fim inevitável? A esta pergunta se pode responder em três etapas correspondentes aos três Graus.

O ensinamento maçônico, em seu sentido exotérico e externo, é muito símples e claro, pois ensina que esta morte que tanto aterroriza os homens vulgares que ignoram sua verdadeira significação, não é o pior que pode acontecer, pois muito piores são: a perda da honra, a indiferença à verdade, o não cumprimento de uma obrigação solene e sagrada. Em conseqüência, se o M \ M \ se vê no dilema de ter de eleger entre a desonra e a morte, não pode vacilar nem um só instante, pois jurou que será fiel, porém não jurou viver. Daí que, aconteça o que acontecer, deverá ser fiel à sagrada confiança que nele foi depositada. Não lhe deve importar a morte, mas que sua honra seja imaculada e que procura não diminuir a confiança nele depositada pelos seus Ilr \ . Sendo ele falso, todo o edifício da Franco-Maçonaria cairá por terra, e então, não poderia existir a confiança mútua, nem nenhum maçom poderia confiar sua honra a outros. O T \ , seria, destruído, sem ficar pedra sobre pedra e seria necessário recomeçar o edifício, desde os alicerces. Não, os princípios da integridade, da honra e da lealdade implicam confiança incomovível. Estes princípios são

supremos e tudo o mais, inclusive a morte, é folha solta ao vento, quando se compara com estes grandes princípios em que se fundamentam a nossa Ordem.

Este é, em si, o primeiro e o mais óbvio dos ensinamentos do Terceiro Grau. Quando a Ordem nos ensina, não faz mais que repetir tudo quanto já sabiam, desde os tempos imemoriais, os membros mais sábios homens. Poderia ser dito que o lema do M\ M\ consiste em **"ser fiel até a morte"**. Se este lema constituísse a tônica da sua vida, a Franco-Maçonaria haveria prestado um grande serviço a todos os homens, e seu nome deveria ser glorificado, de geração em geração. Se cada M\ M\ pudesse cumprir seu J\ , *"sem evasivas, equívocos nem reserva mental de nenhum gênero"*, e preferisse morrer antes que caluniar o bom nome do Ir\ ou deixar de manter "em todo o momento" honra fraterna como se fosse sua própria, existiria então a fraternidade capaz de terminar o T\ , quase no horizonte de nossa visão terrenal. Este ideal de fidelidade entre os IIr\ MM\ levaria a Humanidade a tão alto nível de benevolência que não só deixariam de prejudicar-se reciprocamente, senão que, além disso, "o permanecer inativo ante uma obra de misericórdia se consideraria pecado mortal". Isto é o que significam na realidade os cinco pontos de perfeição do M\ M\ . Não é tarefa fraca de passar o primeiro Portal e converter-se em Franco-Maçom; porém, é muito mais séria a façanha de prestar o J\ de M\ M\ e prometer fidelidade até a morte. Que cada M\ M\ pondere bem isto e volte a confirmar sua determinação ante todos os casos de provas e de dificuldades, para seguir o nobre exemplo da grande figura simbólica que morreu, para não ser infiel ao seu J\ .

Enquanto esta é a significação moral do terceiro Grau, isto é, o ensinamento que pode dar ao Ap\ há de

ter em conta que também é um ensinamento apropriado para o C \ M \ ensinamento que fascina a mente e apresenta diante dela o conhecimento dos mundos que se encontram mais além da morte porque a Franco-Maçonaria, fazendo causa comum com todas as religiões e com quase todas as filosofias, não só afirma com suprema confiança a imortalidade da alma humana e sua sobrevivência à morte do corpo, mas que além disso, sustenta a possibilidade de que, os que buscam, diligentemente, cheguem a estudar a natureza da vida ulterior, ainda antes da morte.

Ainda que, este último ensinamento desaparecesse por completo nas formas mais modernas da Maçonaria, o estudante pode encontrar vestígios de sua vida eterna nos rituais dos graus superiores e chegar à conclusão de que constitui uma parte intrínseca e importante da instrução maçônica, como ocorria nos antigos Mistérios de onde descende a Franco-Maçonaria.

Há muitos indícios de que a era de ignorância deste absorvente tópico caminha rapidamente para o seu fim, para ceder seu posto aos albores de uma época em que o conhecimento da vida *post mortem* seja de patrimônio universal, e em que os homens cheguem a familiarizar-se com os mundos nos quais habitam os mortos, e que esses deixarão de ser enígmas insolúveis, para converterem-se em problemas de fácil solução, como tantos outros grandes mistérios da Natureza que o intelecto humano vai descobrindo, lentamente, e incluindo dentro dos limites do compreensível.

São tão numerosos e profundos os maravilhosos descobrimentos da ciência física, que corremos o risco de não podermos chegar a compreender sua grandeza, nem o imenso panorama que se nos apresentou. Se o homem pode superar a gama de seus cinco sentidos,

quando mede e conta essas miríades de partículas chamadas átomos e elétrons, os quais se movem com vertiginosa velocidade e contém forças de inconcebível poder; se, valendo-se de instrumentos de metal e de cristal, os homens podem precisar qual é a composição das longíquas estrelas que giram nas insondáveis profundidades do espaço; se é capaz de penetrar com cifras e símbolos em mundos em que nem siquer os mais poderosos intelectos podem entrar e se pode revelar os misteriosos processos de que serve a Natureza para realizar os seus milagres; se o homem pode alcançar, por si só e sem ajuda alguma, todas estas coisas e muitas outras, não podará, ao acaso, achar também seu próprio Eu, descobrir sua verdadeira origem e destino, e saber que seu corpo nada mais é, do que um mecanismo ou formosa vestidura, apesar de sua pasmosa complexidade e de sua beleza; e que uma alma viva e imortal que deriva sua existência do G \ A \ D \ U \ , de quem ele é filho e a cujos pés há de voltar a seu devido tempo?

Sim, pode, porque o sonho da imortalidade que o homem tem alimentado durante séculos, não é, unicamente um sonho, mas também, quiçá, vaga e parcial da realidade e da verdade. Apesar dos filósofos, ou seja, da filosofia negativa sustentada pelos materialistas, o homem sempre acreditou que é imortal e esta crença, nunca foi desterrada por completo; ensinaram-na a religião e os grandes santos que seguiran o caminho religioso, e a Ciência está a dois passos para esta demonstrar e muitas outras verdades, de tal maneira que a inteligência humana possa compreendê-la, a qual, há de chegar o confirmar que o instinto sempre adivinhou e o coraração criou eternamente.

Já vïmos antes, que a verdadeira natureza do homem se esboça no primeiro grau, como corpo, alma e

espírito; isto é, como Eu, não Eu e a relação entre ambos e que esta relação é a Consciência, na ascepção mais ampla da palavra. Conhecemos através do segundo Grau, que a atenção que se enfoca principalmente nesta relação ou Consciência, e que a Psicologia - palavra que literalmente significa estudo da alma - é a ciência que o C \ M \ deve estudar preferencialmente. Se o Maçom prosseguir seu estudo com energia, abrirá passo até o coração de sua natureza, exercendo-se do C \ e preparando-se, inevitavelmente, para o Grau de M \ M \ , no qual encontrará o C \ e se conhecerá, a si próprio, como consciênca pura, a qual é capaz de existir em plena abundância até quando esteja separada do corpo.

Assim pois, é lógico e inevitável que, escalando degrau por degrau, a escala da Maçonaria, o Maçom aprenda primeiramente, ajustar sua conduta às leis da moral e da ética, e que logo seja induzido a estudar os segredos ocultos da Natureza e da Ciência, aprendendo por meio destes estudos, a conhecer-se, a si mesmo, a transmutar sua crença em certeza da imortalidade, prosseguindo em seus estudos até abarcar o conhecimento das condições em que se encontrar, os homens que vivem do outro lado ao véu; conhecido com o nome de morte.

Se a Franco-Maçonaria há de viver e continuar o seu incalculável labor em prol da superação do mundo, deve dedicar-se novamente ao estudo mais interessante de todos os empreendidos pelo homem, ou seja, conpreender a significação interna da vida e o conhecimento próprio.

Estas coisas, conhecidas pelo homem do passado, não o são hoje em dia mais que por uns poucos, porém, não tardarão a sê-lo por todos, e a “imortalidade da alma” sairá da região das crenças piedosas, para

recuperar o lugar que lhe corresponde entre os supremos triunfos do intelecto. Desta maneira, o Senhor da Vida nos capacitará para pisotearmos o Rei dos Terrores e levantemos nossos olhos para contemplar a Estrela da Manhã – de interminável vida e infinito gozo – “cuja aparição traz emparelhada a paz e a salvação para os homens fiéis e obedientes”. Porque o medo da morte, assim como todos os demais terrores se desvanecem ante o conhecimento da imortalidade e a alma vive eternamente em paz consigo mesma, já que sabe, que não pode ser destruída nem aniquilada.

Partindo destas verdades externas que, apesar de serem externas, têm grande importância e valor, dirigímo-nos para o mesmíssimo coração do verdadeiro mistério, com o objetivo de descobrir mais coisas ainda. Porque, a Franco-Maçonaria assim como os antigos Mistérios, não pode deter seu avanço ante a imortalidade da alma, nem ante o conhecimento detalhado do que existe além da morte do corpo. Há, não obstante, um mistério interno por descobrir, o qual está tão longe dos mistérios externos, como aqueles da ignorância dos que não passaram ainda as portas do T \ .

Assim como existe uma morte, uma ressureição e uma ascenção externas, assim também, há uma morte mística, pela qual o espírito volta a superar-se e ascende á sua própria glória, glória essa que não se pode revelar, nem ser conhecida por quem não passou por esta experiência. Os místicos e visionários de países e épocas, deram testemunho desta morte e a descreveram por meio de inumeráveis alegorias, valendo-se de símbolos e símiles. Quando estas descrições “substitutivas” foram aceitas literalmente, confundindo-as com os verdadeiros segredos - segredos inefáveis - a religião se materialzou e se degradou e a superstição substituiu a

verdadeira fé na realidade incognoscível. Tanto os santos cristãos como os místicos maometanos, yoguis indianos, lamas budistas, gnósticos gregos e sacerdotes egípcios deram testemunho, cada qual à sua maneira, da transcendental visão em que morrem o eu e a personalidade, em que desaparecem todas as barreiras e em que se realiza a união.

Além disso, são unânimes em dizer que, antes de realizar a consumação final, passaram por um período de intensíssino sofrimento e de agonia da mente e da alma que, muitas vezes, se extende também ao corpo. É necessário passar por um período de solidão e desolação amargamente intensas, antes da qual a alma libertada das últimas cadeias que a prendem aos mundos inferiores, e que fazem com a sua força e sua estabilidade dependam das coisas externas, possa elevar-se a Rei, por direito próprio e sem ajuda alheia, sem que, por isso, se sinta separada do gênero humano; porque agora sabe que, apesar da da multidão das formas, só existe uma Vida e que esta anima todos os seres vivos. Nisto reside a verdadeira Fraternidade, da qual as fraternidades conhecidas no mundo exterior são meros reflexos e sombras; identidade de vida ainda que diferença de formas; uma família e, no entanto, muitos membros; uma árvore, pórem com inumeráveis ramos.

Que mais se pode dizer desta visão resplandescente, que transcende a toda experiência normal, que faz com que as realidades prévias pareçam sombras e ilusão, e que dá realidade ao que antes não existia, senão nos mundos da imaginação e da fé. Estude o M\ M \ o que escreveram os que experimentaram esta consciência "cósmica"; estude o êxtase do santo, o samadhi do yogui, e recolha todos os vislumbres que possa -

vislumbres vagamente proféticos - que há de saber algum dia, como outros o conheceram também.

Ainda em nosso estado atual de evolução espiritual, quase todos os homens podem gozar antecipadamente, da visão plena porque, quando sonhamos e rendemos culto, no altar de tudo quanto é verdadeiro e belo na Natureza, na Ciência e na Arte, podemos nos aproximar quase ao C \ da realidade e sentir palpitar a Vida única, que é alma de tudo, Vida de Poder onipotente e Sabedoria infinita, cuja beleza resplandesce em todo o Universo. Esta visão pode aparecer no cume de uma montanha silensiosa ou no estrondo de uma catarata; no fulgor de um sol nascente ou no esplendor do por do sol; nas profundidades do oceano ou nas asas do furacão, na árvore do bosque ou na sarapintada mariposa; na cintilante estrela ou na tremula gota de róscio; no ofuscante campo nevado ou na fragância do aguaceiro tropical; nas sublimidades da matemática transcendental ou na filosofia, ou ainda na visão de um Sócrates ou na poesia de um Shakespeare; na música de um Scriabine ou em qualquer outro dos mais nobres conquistas do homem ou dos milagres da Natureza.

Todas estas coisas podem proporcionar-nos fugazes e fragmentários vislumbres de uma visão celeste; porém, não existe mais de que um só meio, para que possamos elevar-nos às grandes alturas: os cinco PP \ de PP \ já que, unicamente, por meio do amor ou da "fraternidade" é como pode o M \ M \ entrar em "uma vida superior e conhecer, mais profundamente os ensinamentos de nossos mistérios". Por isso, a Franco-Maçonaria é, antes de tudo, uma Fraternidade, um laço de amizade. Este é o único alicerce possível do T \ e o único arremate de seu pináculo.

Capítulo 8º

OS INSTRUMENTOS DE TRABALHO DO 3º GRAU

Os IIns \ de T \ do 3º Grau são apropriados à um plano de trabalho muito superior aos dos outros Graus. Os IIns \ do M \ M \ têm uma limitação muito menor que os do C \ e Ap \ , pois, essencialmente livres e flexíveis, dão amplo campo ao M \ M \ , para que possa exercitar sua iniciativa, assim como os seus poderes criadores e imaginativos.

A associação de cada um destes três IIns \ com a Idéia de um centro, associação que constitui um traço tão sobressalente neste Grau, é óbvio e inequívoca está caracterizada por essa ingenuidade inventiva que vemos tantos exemplos em todos os Rituais da Franco-Maçonaria.

De sorte que, a Corda *“é um instrumento que gira sobre um centro de alfinete”*; O Lápis tem um centro de grafite ou de outra substância, com sua ponta se fazem desenhos e planos; e no Compasso há duas pontas, uma das quais se fixa no centro para, com a outra, descrever uma circunferência.

A liberdade e flexibilidade de movimentos destes três IIns \ caracterizam o papel do M \ M \ e contrastam marcadamente com a rigidez dos IIns \ correspondentes aos Graus inferiores, sobretudo com os do 2º Grau. De modo que o Ap \ deve cingir-se, estritamente às medidas de sua r \ d \ v \ q \ p \ e deverá trabalhar com seu m \ e o c \ , ajustando-se exatamente aos planos e instruções que lhe são dados, assim como às linhas que outros traçaram para guiá-lo em seu trabalho.

O C \ M \ está mais confinado dentro de inflexíveis limites, pois o e \ , o n \ e o pr \ são invariáveis; deve pois, cingir-se a eles com toda a precisão, já que não se lhe consente nenhum desvio.

Ao contrário, o M \ M \ goza de perfeita liberdade, pois se trata de um perfeito M \ M \ , esta liberdade não tem outros limites, senão os que ele mesmo estabeleça, sempre que se achem em harmonia com os planos do Grande Arquiteto. Com sua corda traça o plano de base da projetada estrutura. A corda é perfeitamente flexível, pelo que o M \ M \ pode colocá-la na direção que julgue conveniente ou de acordo com o seu gosto. No entanto, quando a linha foi traçada, se estabeleceu um limite, limite que há de ser obedecido, tão fielmente, como os ditados pelo e \ , n \ e pr \ porém, antes de assim proceder, o M \ M \ tem ampla margen para eleger onde colocará sua linha, respeitando a orientação e outros fatores em que se baseia para a eleição do solar das edificações.

O segundo Ins \ é o La \ que representa a apoteóse da liberdade, pois com ele, o M \ M \ poderá criar quantos projetos queira, seu último cuidado constituirá em que seu desenho se adapte ao objetivo a que queira dedicar o edifício e que esteja em harmonia com as leis da mecânica, para que a estrutura seja forte, estável e que seja proporcionada e bela.

O terceiro Ins \ , o com \ , é talvez, o mais maravilhoso de todos os símbolos da Franco-Maçonaria, pois tem nunerosas e variadas significações simbólicas. De sorte que, é livre no que diz respeito às pontas que se poden ajustar aos nossos desejos, porém, uma vez determinada esta distância, é tão rígido e fixo como qualquer outro instrumento de precisão. Suas duas pontas podem servir para medir a longitude de uma linha reta,

ou para traçar uma curva ou um círculo. Com suas pontas fechadas, uma linha reta; com suas pontas separadas, um triângulo e seus braços descrevem um círculo em seu próprio plano, quando se abrem inteiramente. O com \ com as pontas unidas é uma unidade, seus braços fomam uma dualidade. Quando está aberto é uma trindade. Tendo-o em repouso, pode medir-se uma linha reta e pondo-o em movimento, descreve uma curva perfeita. Na união de seus dois braços se oculta o centro invisível em torno do qual giram todas as coisas.

Além disso, quando o com \ se põe em movimento, descreve no espaço uma figura de três dimensões com o nome de cone, cujas secções são respectivamente; um ponto, duas linhas retas, círculos, elipses, parábolas, hipérboles, elementos interessantíssimos para os matemáticos e geômetras nos quais os místicos e siimbotistas encontram numerosos segredos de suprema importância relacionados com a geometrização do mundo.

A maneira de utilizar o com \ para medir a distância existente entre dois pontos é digna de especial interesse, pois nos proporciona um débil reflexo da faculdade de percepção direta da verdade, a qual vem a ser para alguns, uma perfeita síntese das demais faculdades enquanto outros opinam que é uma faculdade distinta e separada do organisno humano, vulgarmente denominada de intuição, faculdade elevada da mente.

Ao medir a distância entre dois pontos - distância que, por ser uma linha reta, tem uma só dimensâo - o com \ serve de uma segunda dinensâo, a qual podemos dar o none de altura, momentaneamente; dimensâo que forma ângulos retos com a primeira, portanto, não está contida na linha reta. Ao fazer esta medição com o

com \ , não se tem em conta o espaço interposto entre os dois pontos, pois, pode haver- montanhas ou profundos abismos entre eles e até ocorrer que um ponto seja invisível do outro. Neste caso, não seria possível traçar uma linha reta entre dois pontos, sem medí-la com uma régua, como se faz correntenente; não obstante, a medição se pode fazer, fácil e rapidamente, por meio do com \ , uma vez que os espaços que acabamos de mencionar não estorvam, no mínimo a este instrumento. A distância entre dois pontos se pode conhecer com precisão, pela distância angular existente entre os braços do com \ .

Pelo que acabamos de explanar, se observa que este instrumento é um formoso instrumento geométrico e mecânico dessa faculdade que nos permite perceber, em um abrir e fechar de olhos, a relação existente entre dois fenômenos ou fatos quaisquer, sem necessidade de ter que traçar, passo a passo, a conexão casual existente entre eles ou de medir o terreno que os separa. A intuição salta, repentinamente, à sua conclusão ou visão, do mesmo modo que o com \ abraça a distância que há entre dois pontos quaisquer, sem importar-lhe, em nada, os obstáculos que os separa no espaço.

A cor \ que representa a linha reta, é indesviável da virtude; tem também, um simbolismo interessante. Sua, cor \ é ou deve ser perfeitamente flexível e, portanto, quando se ache eu estado de repouso, adaptar-se-á à forna do terreno ou do objeto em que se encontra. Nesta perfeita flexibilidade se estriba a sua utilidade, como meio de obter uma perfeita linha rela. Basta pô-la tirante, para que se adapte à posição que nos convenha. Se o cordel fosse rígido e carecesse de flexibilidade, nosso trabalho não poderia ser perfeito. Quanto mais tirante esteja a cor \ mais perfeita será a linha reta resultante.

Assim vemos nós um exemplo evidente da vida humana e de seu objetivo. Se o homem tem um ideal claramente definido, e se caninha para ele com toda a energia, toda a sua vida estará alinhada com seu propósito e, então, poderá dedicar-se a seu objetivo de maneira "reta e indesviável", enquanto sua natureza este-ja livre de "rigidez" e seu carater não forme "nós". Porém, se ele é débil, indolente e inábil em dedicar-se a seu trabalho, se produzirão curvas e outros defeitos, resultando prejuízos e preocupações.

Podemos levar mais longe esta analogia concreta, porque, se tiramos o cordel pelo centro, para afastá-lo da linha reta ideal, resistirá a nosso esforço em proporção à sua fortaleza e a sua reação e, quando o soltemos, voltará rapidamente à sua posição anterior, vibrando durante uns instantes, para recobrar logo depois, sua quietude e rigidez. Do mesmo modo, se um homem se dirige pelo caminho da virtude e dedica todas as suas energias a conservar uma perfeita alinhação, sua natureza oporá resistência, se ele tentar desviá-la da reta e tratará ae voltar à sua retidão, quando termine a pressão lateral, vibrando durante uns instantes por causa do esforço adicional a que foi submetido, e tornando finalmente à sua verdadeira linha, aparentemente estática, conserva a retidão graças a essa infatigável constância de encaminhar a vida em direção do ideal sonhado.

De sorte que, este é um exemplo do mais maravilhoso engenho com que foram eleitos os singelos símbolos da Franco-Maçonaria, para que possam ilustrar de modo gráfico as retiradas vitais da vida e da conduta humana. 0bserve-se por alto que, assim como o com \ pode ser utlizado para medir linhas retas e descrever círculos, assim também, pode a corda ser empregada para assinalar linhas retas e para medir curvas de todos

os gêneros, já que o melhor meio de medir a longitude destas ultimas, consiste em rodeá-la com um cordel flexível. Ainda mais, se sujeitarmos um extremo da corda a um ponto fixo e atamos um lápis no outro extremo, poderemos traçar um círculo. Os que sabem geometria não ignorarão que, é possível traçar uma elípse, fixando nos dois extremos do cordel em fócos, de naneira que a distância entre estes seja menor que a longitude daquele.

A explicação que se dá no Ritual a cerca do La \ é suficientemente clara e explícita. Segundo o que se nos diz, ensinamos a *“reformar planos prévios e claros do que possamos fazer, para que nosso trabalho possa ser inteligente e proporcionado”*. De modo que, agora o M \ M \ chegou a seu desenvolvimento completo; trata-se de inculcar-lhe que deve se converter em verdadeiro M \ M \ , em M \ e dono de si mesmo, elegendo qual há de ser sua linha de trabalho e dirigindo sua própria vida e seu destino. Seu dever consistia a princípio, em escutar os que eram mais prudentes e sábios, e em deixar-se guiar por eles, obedecendo implicitamente às suas instruções, porém, agora que chegou à condição de M \ M \ , receberá poucas instruções ou ordens uma vez que não e mais criança, mas um homem maduro e, portanto, deve aprender a empunhar a batuta de sua vida e “tomar as rédeas de sua evolução”. O M \ deve fazer, por si próprio, os planos e desenvolver, por meio de seus poderes criadores, os desenhos das partes do T \ em que há de contribuir para a perfeição do edifício. Têm ele um lápis próprio com que planejar e todos os instrumentos necessários para a realização dos projetos que conceba. Chegou a ser um “arquiteto" cujo dever consiste em criar. Agora tem grandes responsabilidades sobre si e será julgado por suas obras, porque, tudo quanto faça será “observado o anotado pelos Ministros da Lei", que lhe

devolverão “o resultado das ações que realizou” com precisão matenática.

E, para completar a analogia, pode-se dizer que assim como a cor \ e o com \ podem ser utilizados para traçar tanto linhas retas como curvas, assim o La \ é capaz de descrever qualquer classe de linhas, seja reta, circular ou curva.

Por este breve esquema de algumas características dos IIns \ de T \ correspondentes aos três graus mmaç \ de que temos tratado, estamos em condições de observar que o conjunto deles forrna séries e seqüências que proporcionan ao maçom, um completo conjunto de instrumentos, de desenho e de utensílios de trabalho. Primeiro, o M \ M \ deve observar e medir a todo o momento, com sua régua, a necessidade de seu próprio trabalho que seus CComp \ e o mundo precisem, aplicando o seu m \ e c \ diligente, inteligente e poderosamente, com incessante cuidado e perseverança. Deve obedecer, escrupulosamente, às leis da Natureza e da moralidade, atuando sempre sobre o e \ , o n \ e o pr \ e estudando continuamente, os Mistérios Ocultos da Natureza e da Ciência, com o objetivo de adquirir conhecimentos aplicáveis a quaisquer das tarefas que possa vir a empreender.

Também deve ocupar o lugar que lhe corresponda em uma obra superior, como indivíduo das grandes hostes que levam a cabo, com precisão e com interminável júbilo, os mandatos do G \ A \ D \ U \ que planejou todas as coisas com infinita Sabedoria, e é o Supremo Artífice, cujos milagres de engenho e beleza constituen para nós uma riquíssima e inestingüível mina, na qual devemos trabalhar, dando forma a pedras cada vez mais perfeitas, as quais hão de constituir nossas humildes oferendas para esse glorioso Templo, eterno nos Céus, do qual, o de Salomão não era mais que um símbolo.

Capítulo 9º

A VIRTUDE DO SILÊNCIO

O ambiente, secreto de que se envolve a Maçonaria, constitui sem dúvida para os não Maçons, a cacterística mais notável da Ordem; Esta impressão vem corroborar e fortalecer-se na Iniciação e nos graus seguintes de maneira suficientemente concludente para que, quem passou por todas essas cerimônias, não perca jamais de vista seu dever de silêncio maçônico.

Podem existir alguns Maçons que, a princípio, e mesmo durante muito tempo, sintam a necessidade de semelhante segredo. Até os mais pensadores se desconcertam quando tentam determinar qual o valor prático do silêncio que prometeram guardar; pois quando dão voltas às suas cabeças a natureza "dos segredos", tão zelosamente guardados, é difícil que possam evitar um sorriso incrédulo, ante a ideia de dar grande importância a uns tantos instrumentos e palavras secretas, cuja divulgação pela imprensa não poderia ocasionar grandes transtornos, ao que parece. Claro é, a conveniência de que exista um sinal secreto para que os Franco-Maçons possam reconhecer-se entre si; porém, não justifica ao que parece, as extraordinárias precauções que tomam os membros da Ordem Maçônica, para conservar os seus sinais secretos e suas palavras de passe.

Este tema se presta a profundas reflexões; para isso dividiremos nosso estudo em dois aspectos, isto é, o do Segredo e o do Silêncio. O primeiro é o aspecto externo e exotérico e o último é o interno ou esotérico. O segredo ou reserva é um recurso mundano de defesa, relativamente fácil. Ao contrário, o silêncio é essencial-

mente espiritual e não tem nada a ver com as conveniências mundanas.

Existem muitas razões símples e óbvias para que a Franco-Maçonaria guarde o segredo externo, pois, embora hoje em dia, não sejam perseguidos por idéias religiosas nem por opiniões filosóficas, conservamos, no entanto, a tradição de épocas antiquíssimas em que, os que sustentavam opiniões ou praticavam ritos que não eram ortodoxos, deviam guardar o mais severo segredo e a mais estrita reserva, se não quisessem por suas vidas em perigo.

Na realidade, o pensamento original, as investigações científicas, a cultura e principalmente, as investigações religiosas, foram até uma época relativamente recente, ocupações que entranhava grandes perigos, se não realizadas a portas fechadas. A reserva ou segredo eram também muito convenientes em muitos ofícios e transações comerciais, com o objetivo de conservar as receitas e fórmulas e proteger os interesses dos verdadeiros artesãos.

À parte destas considerações puramente práticas, não cabe dúvida de que, os atos de natureza ritualística hão de proteger-se contra o menosprezo e as burlas dos profanos, a fim de que, coisas preciosas e sagradas não sejam execradas pelos que são demasiado ignorantes para compreender sua natureza interna e sua significação espiritual. Se não fosse tomada a medida de guardar as coisas em segredo, é provável que os irmãos mais débeis seriam incapazes, de suportar o esforço e sucumbiriam ao ridículo; e, ante qualquer evento, far-se-ia um desperdício desnecessário, de energia para desviar os gracejos dos ignorantes, ou as malevolências dirigidas contra a Ordem e seus, procedimentos.

Existem outras razões poderosas para que se guarde o segredo maçônico entre os quais se destaoa a de criar deliberadamente, uma atmosfera de mistério, pois, se bem que essa atmosfera atraia curiosos e os alente a se aprofundar nos Mistérios secretos da Natureza, também tende a ativar o sentimento religioso dos homens, procurando ainda aumentar a reverência que se deve ter pelo Ritual maçônico. O amor misterioso é saudável e benéfico, se dirigido prudentemente, pois, não existe alguém, por cínico que seja, que não abrigue uma secreta atração pelo mistério. Porque, quem não anseia, por mais cético que seja, conhecer e compre-ender o significado da Natureza com todas as maravilhas da vida e da morte; da consciência, da origem e destino das miríades de vidas de que está cheio o universo; e do que existe nas estrelas, assim como sua duração? Não existe reverência tão verdadeira como a do homem de ciência que estuda os milagres da Natureza, para arrancar diminutos fragmentos dos seus tesouros.

Além disso, o mero fato de participar de segredos na conversação com outros, estabelece um sutil laço de simpatia que ajuda a fortalecer a cadeia fraternal. Poucos homens passam da idade espiritual em que experimenta essa satisfação de possuir segredos, que é uma das cadacterísticas mais destacadas das crianças. Excepto os que carecem de imaginação, todos encontram certo encanto em participar com outros, na possessão de segredos, o que ocorre até no caso em que estes não tenham valor algum, nem sejam interessantes. O mero fato de que os franco-maçons sejam capazes de reco-nhecer aos membros de sua fraternidade, em qualquer lugar da Terra e, distinguí-los de todos os demais ho-mens, é um atrativo que tem algo de sonho e romance.

Uma lição valiosíssima que se deduz da prática do segredo e da reserva, é a do caminho da língua. Diz-se que a língua é o membro mais rebelde do corpo e o mais difícil de se dirigir; em verdade, poucos são os homens capazes de conservar um segredo, seja este grande ou pequeno. Quase todos tem propensão às debilidades da curiosidade, com cujo defeito vai unido intimanente; o desejo de saciar a curiosidade alheia, comunicando ao próximo o que seria conveniente guardar em segredo. De modo que a franco-maçonaria proporciona uma excelente disciplina, talvez algo elementar, para ter quieta a lingua e dá uma educação que nos pode ser útil muitas vezes. Na frase jocosa de Mark Twain de que "a verdade é nosso tesouro mais apreciado e, portanto, devemos ecomonizá-la...", se encontra uma grande verdade.

Se os Franco-Maçons não adquirissem na Ordem outra coisa mais que a capacidade de não dizer coisas desnecessárias e de conservar o donínio da lingua, não haveria gasto o tempo em vão. O fato de que não encontre uma razão poderosa que justifique a estrita conservação dos segredos franco-maçônicos, serve para que seu treinamento seja mais efetivo. Não se deve confiar os grandes Mistérios a quem não seja capaz de guardar segredos sem importância.

No entanto, andaríamos equivocados se acreditássemos que a Franco-maçonaria não tem segredo algum que deve ser ocultado, a todo o custo, aos profanos, pelo temor de que resulte um prejuízo real? O mundo ocidental vai se compenetrar do de que a Franco-maçonaria tem íntima relação com os verdadeiros Mistérios, e que são comunicados aos Iniciados os segredos reais. Foram estas coisas relegadas ao esquecimento durante muitos séculos, porém, está muito longe o dia em que se restabeleçam, e em que se confiram genuínos segredos de

terrível e extremado poder aos homens dígnos e puros; porque, a Franco-maçonaria é **magia** - na verdadeira acepção desta mal definida palavra - e magia de ordem elevada, apesar de que, atualmente, se perdeu quase completamente a arte. Quando chegar o momento de sua restauração, serão essenciais a reserva e o segredo absolutos e, então, a educação que agora recebemos com o objetivo de que guardemos nossos segredos, aparentemente inofensivos, nos manterá naqueles dias em boas condições e fará com que sejamos dígnos de que nos confiem o farol do verdadeiro conhecimento, donde procede o poder da "magia" espiritual para ilumi-nação dos homems e serviço do mundo.

Dirijamos agora nossa atenção ao aspecto interno da conservação do segredo e do verdadeiro significado do "silêncio maçónico".

Múltiplas e valiosíssimas são as lições do silêncio, assim como de sua beleza e mistério. Do silêncio saímos e a ele devemos retornar, quando chegue a hora. Quando estamos em silêncio, podemos nos aprofundar na significação dos mistérios da Vida. No silêncio solitário de nossos corações, é onde descobrimos as grandes experiências da Vida e do Amor.

É preciso acalmar a natureza inferior para poder ver a verdade ou encarar a vida com toda a equidade e firmeza. Só quando se silencia e aquieta o tumulto das paixões egoístas; dos veementes desejos; do ódio destruidor ou da malevolência, é quando se pode deixar ouvir a voz do Guia Interior - que é o "Homem Verdadeiro" – e quando o V \ M \ pode dirigir a Loja. As mensagens e ordens do M \ , do Ego sábio, não podem ser transmitidas a elemontos de natureza inferior, nem podem ser obedecidas com toda exatidão, caso não haja silêncio na Loja, quando cessar a altercação das lutas

emocionais e mentais, e quando todas as partes do organismo se subordinem à direçâo silenciosa do Dono da Consciência, ou seja, do Ego.

Quando o coração está em silêncio, a inspiração aparece e a visão se aclara. No desvelo silencioso da noite, na calma do deserto, no cume solitário das montanhas, no sossego dos bosques e sob o prateado docel das estrelas, as paixões se debilitam, a iluminação emana da mente, o coração se inflama e o espírito adquire asas para remontar-se ao céu.

Nos escassos momentos do silêncio, em que se acalma o estrépito das buliçosas atividades do homem e de suas inquietas civilizações, e quando podemos encontrar a paz e sentir a beatitude de uma clara visão. O silêncio é sempre mais eloqüente que a linguagem; quando tratamos de expressar a verdadeira simpatia, a compreensão mais profunda, o maior dos amores, o mais genuíno dos afetos e a mais nobre das camaradagens, não encontramos mais que palavras imperfeitas e inadequadas porém, estes sentimientos se conunicam livre e facilmente, se permanecermos em silêncio. Emerson estava certo quando disse que o volume de um discurso se pode medir pela distância que separa o orador do ouvinte. Entre os amigos existe “uma compreensão, uma inteligência calada; não existe simpatia mais real ante a dor que a silenciosa. No olhar dos cães e dos cavalos se descobrem mudas compreensões que, às vezes, nos parecen mais verdadeiras e consoladoras que as mais eloqüentes palavras dos homems.

Às emoções mais sublimes sobrepujam a capacidade do discurso e alcançar o seu pináculo supremo no êxtase e no silêncio. As grandes estratégias não podem ser expressadas com palavras e até os mais agudos gracejos fazem com que se calem os risos para provocar um

silencioso regozijo interior. Os grandes fenômenos da Natureza, o esplendor da alvorada e do ocaso, a imponente grandeza dos cumes, na força das cataratas, a pureza deslunbradora dos campos nevados, o monstruoso poder dos glaciais e das avalanches, a delicada fragância das flores, o grato aroma que se desprende da terra sedenta, quando passado o vento tropical, no sossego dos mares gelados, no furor da tempestade, nas heróicas façanhas, a vida de devoção e sacrifício, a amargura da tristeza, o triunfo dos êxitos, a presença da morte e nascinento de uma nova vida, nos transportara a uma região em que as palavras orais não são necessárias nem possíveis, e nos internam num mundo, onde o silêncio reina supremo e todos os demais meios de expressão são fúteis e mesquinhos.

Não há nada que seja tão vívido, tão infinitamente flexível, do que o silêncio. Longe dele ser uma mera negação de som, é capaz de expressar a mais extrema diversidade de pensamentos e emoções. Recordem-se do silêncio do ódio implacável e do amor fiel; o silêncio do desprezo ou da veneração; o do consentimento e o da reprovação; o da covardia ou do valor; da tristeza ou do regozijo ou da desesperação; o do êxito e do prazer.

É uma coisa comum, conhecida por todo o observador da natureza humana, que os silêncios dos homens, com frequência, expressam muito mais que as palavras. As coisas que eles não sabem como bem expressar, são como véus que cobrem outras mais profundas que não sabem ou não se atrevem a manifestar por meio da linguagem. Nos momentos de silêncio, aparece na superfície a verdadera natureza do homem e este se dá conta de uma alma mais íntima. Os homens débeis e impuros, sentem isto, instintivamente, por isso, temem a solidão e, têm medo de ficar a sós consigo mesmos, pois

são incapazes de dominar sua natureza ruim. E, ao contrário, os fortes, os puros não temem o silêncio, mas o buscam, porque sabem que na solidão, podem aproximar-se de seu Deus mais íntimo. Talvez não exista uma prova tão certa da grandeza e força interior, como a da capacidade de experimentar os longos períodos de silêncio e deles tirar proveito, sejam buscados deliberadamente ou que, tenham sido provocados pela deserção de um amigo ou de um amante, porque, quando isto ocorre, as vontades débeis e ruins se desesperam e voltam ao vício, enquanto que as poderosas e puras aumentam sua moderada fortaleza, assim como a doçura de seu carater.

O mesmo acontece com a amizade, quando chegam os momentos de separação ou de sombra. Se o afeto é fraco, acabará por desaparecer como coisa murcha, porém, se é forte, sua fortaleza e sua resistência aumentarão.

A Franco-Maçonaria nos conduz desde os mundos do estrépito e da luta ao do silêncio, no qual ficam encobertos os segredos do coração. Todo o maçom descerá, no curso de sua carreira, ao silêncio da tumba, e desta, terá de passar pelo portal da morte, para entrar em uma vida mais nobre, na qual possa encontrar os verdadeiros segredos de M\ Maçom. Se conseguir triunfar em sua busca, encontrar-se-á no mundo dos místicos e videntes, em que os laços de amor e de amizade se unem no Com \ , a todas as unidades separadas e onde alcançará uma consciência superior à do cérebro e entrará em uma região em que aparecem as diferenças e se apagam ate os "pares de opostos", transformando-se em uma unidade superior.

Portanto, a Franco-Maçonaria volta a proclamar a sua peculiar maneira simbólica e dramática, a antiquís-

sima lição de que o Reino dos Céus há de encontrar-se dentro. A paz se consegue no centro, no silêncio. Ainda que o Maçom saia do Or \ e se encaminhe para o Oc \ , não poderá encontrar os verdadeiros segredos do M \ M \ , até que retome ao C \ e olhe dentro de seu próprio coração.

Ensina-se ao M \ Maçom que o construtor do Templo Superior, ou seja, a Mente criadora e plasmadora das formas belas, tem sido vilmente a\ por alguns Ilr \ de categoria inferior à sua e que, portanto, não pode ele comunicar-lhe o v \ s \ . Não obstante, o M\ M \ recebe certos segredos que substituem ao outro, até que, tanto o tempo como as circunstâncias, revelem o verdadeiro. Isto significa que, devido à rebeldia e ao míope egoísmo dos elementos inferiores do homem, perdeu-se a possibiidade de obter os verdadeiros segredos por meio da mente. Porém, se esta é acalmada e se elevar a consiência a um nível superior, sobre os cinco pontos de perfeição, isto é, por meio do amor, o Maçon que chegou ao C \ poderá abrigar a esperança de encontrar o perdido. De modo que, o maçom pode chegar à sua meta e encontrar os ss \ do silêncio do c \ , silenciando a mente; porém, deve encontrá-lo por si mesmo, pois até os mesmos segredos substitutivos se comunicam em um sussuro; os verdadeiros não podem se promunciar em voz alta nem em voz baixa, porque devem ser achados a sós, no silêncio do Eu íntino.

A própria Natureza é grande mestra do silêncio, pois realiza suas mais fornosas obras de artífice, sem emitir sons. Os cataclismas e as destruições são acompanhadas de estrépitos, porém, não há ouvido que possa perceber seu trabalho construtivo. Os processos de assimilação, de recuperação e de crescimento, a florescência e a fertilização; as forças de expansão e de contraçao de

eletricidade, magnetismo e gravitação; a oscilação de luz e calor, assim como de muitas outras que constroem o mundo da vida e nutrem e sustentam, e lhes dão calor e luz, cor e beleza, têm lugar no silêncio.

Os homens não fazem mais que imitar a Natureza tanto quanto, constroem maquinárias, como quando fundam organismos. A prova da eficácia destes últimos consiste na suavidade e quietude de suas atuações, posto que o ruído e o rangido são indícios de defeituosos ajustes, fricção e perda de energia.

Esta mesma lei é aplicável também ao caráter do indivíduo. Os que trabalham com menos ruído costumam ser os mais destros, os mais ágeis. Os homens verdadeiramente fortes, geralmente, os mais silenciosos, assim como os mais gentis.

Os que mais falam são os que menos fazem. O silêncio interno, indicador do domínio completo e consciente sobre todo o organismo, é essencial para esta obra, constante e conscienciosa que conduz às grandes realizações e façanhas. Os feitos mais bravos são os que se fazem e vivem no silêncio. A incalculável força de vontade humana - cujo valor, apenas o mundo moderno reconhece - opera em silêncio. Saber é bom; usar é melhor; porém ser silencioso é o melhor de tudo. O discurso corresponde aos homens, a música aos anjos e o silêncio aos deuses. Os sons têm princípio e fim e são temporais; o silêncio nunca cessa, é eterno. Às vozes dos sábios e dos mais compassivos não são ouvidas mais do que por aqueles que sabem abstrair-se do tumulto das palavras e das querelas humanas, para colocar-se no C \ , esperar que soe a música do silêncio e aprender a sabedoria, a força e a beleza que fluem desse Centro para os que podem aliar-se a essas secre-

tas forças benéficas, donde vira a salvação dos bons e a saúde do mundo.

Segundo uma lei oculta, a charla desnecessária e excessiva representa um grande desperdício de energia. Quando Jesus curou o homem enfemo, lhe recomendou que seguisse o seu caninho e não contasse a ninguém o que havia ocorrido. Quando é preciso falar, é preferível fazê-lo depois de haver estudado o fato de que se trata na conversação. Malgasta-se mais energia na conversação supérflua e nécia que em nenhuma outra coisa. Os irreflexivos prestam pouca atenção ao prudente conselho de que devem escutar mais do que falar. Poucos são os grandes ouvintes, porém, o mundo está cheio de grandes faladores. Quem queira aprender para chegar a sábio, deve antes de tudo, adquirir a arte de permanecer silencioso enquanto observa, ouve e pensa continuamente.

O primeiro passo que se deve dar no caminho da sabedoria é o de permanecer em silêncio; no entanto, que esteja atento e ativo e não puramente passivo. Este princípio regia as escolas pitagóricas, onde os discípulos conhecidos pelo nome de ouvintes, passavam por um período probatório de absoluto silêncio, durante o qual não se consentia que falassem. Como poderia um mestre ensinar aos que não sabiam estar em silêncio? Os homens se lamentam da falta de cultura; costuman, porém, serem os culpados, porque não deixaram nenhum resquício em suas mentes, para que penetren nelas novas idéias, já que seus princípios pensantes, como os chama Patanjali, se encontram em estado de modificação ou “agitação” turbulenta, de modo que novos ensinamentos rebatem na mente como objetos que se lançam contra a periferia de uma roda que gira com grande rapidez.

Na ciência física, abundam as analogias e exemplos da lei do silêncio. A luz só é visível quando dá em um objeto escuro; se não houvesse nada que recebesse a luz, tudo permaneceria em trevas. O som divide a continuidade do silêncio em fragmentos e secções e, deste modo, o faz perceptível a nosso sentido. A música é composta de silêncio, do mesmo modo que uma estátua de Phidias é esculpida em um márnore informe, ou como os esplendores do por do sol se refletem na pura e invisível luz branca.

Toda a composição musical se conpõe de numerosas porções de silêncio separadas entre si como as divisões de uma régua que marcam a distância no espaço incomensurável. O ritmo, a melodia e a harmonia nada mais são do que métodos de espaçar e de padronizar os fragmentos do silêncio. Assim como todas as cores existem na luz branca, assim também, todos os sons estão latentes no silêncio. Assim como a luz de um M \ Maçom não é outra coisa que trevas tornadas visíveis, assim também, o som ou a música é silêncio tornado visível.

Assim sendo, a Franco-Maçonaria é, em realidade, um drama de silêncio, uma sinfonia à base do tema do silêncio. Ela chama o homem para que abandone o tumulto e a barafunda dos negócios mundanos e se retirem a esse centro silencioso, onde não podem entrar os sons e onde tudo é paz. O primeiro e constante dever de todo o Franco-Maçom se baseia em sonservar fechada a L \ , em guardar silêncio e abrigar-se nela. O Cand \ à maçonaria que vai em busca da verdade, entra na L \ em silêncio e trevas e é conduzido desde os tumultuosos sons do exterior até o mundo interno, no qual cessam todos os ruídos e onde reinam a paz e o silêncio sereno. Em todas as etapas de seu progresso, é

posto à prova do silêncio e jura pemanecer calado, até que por fim, sofre a última pena antes que ser infiel ao silêncio. Depois, desce a calma final; é exaltado a uma vida mais plena e ouve que lho dizen que busque, no sossego de seu coração, os verdadeiros segredos que se perderam, quando o M \ H \ A \ os levou consigo ao silêncio.

Cada vez que se abre uma L \ (escocesa) se recorda ao iniciado que, no princípio era o Verbo; e o que existiu antes do Verbo? O silêncio. Quando se encerra a L \ , o Verbo Divino retorna ao lugar de sua procedência, fecha-se o L \ C \ S \ , voltam as trevas e o "Silêncio recupera o seu reino"; desta forma, se encaminha o Iniciado ao mundo para começar seu trabalho, levando em seu coração o único inefável silêncio, no qual todas as fantasmagorias da vida não são mais do que fugazes intermedios (meios), pois, quando tudo isto terninar, quando cessarem os trabalhos nas pedreiras e quando estiver construído o T \ , tudo passará ao eterno silêncio.

A entrada na Franco-Maçonaria significa a Iniciação no conhecimento do silêncio; de modo que, à medida que o Maçom prossegue em sua ciência, aprenderá a amar o silêncio, a morar nele constante-mente, a penetrar cada vez mais em suas profundezas e maravilhas. Os homens que vivem no tumulto do mundo são muito propensos a esquecer a existência do silêncio e dos mistérios que este guarda. O ruído é vida para eles e, quanto mais estrepitoso é o som, mais abundante é a vida. Crêem eles que a ausência de som é uma carência de vida. Porém, gradualmente a fé em tudo quanto não pode ser tocado e visto e, não só se converteu em meros agnósticos como além disso, chegam a ser francamente materialistas. Quando a morte tudo calar, nada esperam,

porque creem que os mistérios da vida e da morte, e até o amor, deixem de ter alguma significação. A Franco-Maçonaria retroage os homens a esses mistérios que não podem ser resolvidos com negação; ela não sustenta que pode desvendar os mistérios, porém, pelo menos, volta a proclamar novamente que eles existem e manda os homens em busca do perdido.

A Franco-Maçonaria aproveita todas as oportunidades que se lhe oferecem para inculcar a existência de inefáveis mistérios por detrás de toda a vida e de toda a natureza, para o que se vale dos sacrifícios do Ritual e da Cerimônia. Mostra-nos, símbolo por símbolo, ordenando-nos que contemplemos os eternos princípios que estes representam e dos quais são mudos testemunhos, pois os planos do Divino Arquiteto se desenvolvem lentamente por estes princípios, trabalhando em silêncio para ordenar todas as coisas, conforme a Beleza, a Força e a Sabedoria.

Assim, que a insistência da Franco-Maçonaria pela necessidade do silêncio e do segredo, está verdadeiramente justificada.

A imutável tradição da Franco-Maçonaria ordena, sabiamente, que todo o Ir \ deveria comprometer-se a selar os lábios como prova de sua lealdade ao silêncio. Em cada novo Grau, o Franco-Maçom submerge cada vez mais profundamente no coração do silêncio, até que, finalmente, passe pelo Silêncio da Morte, o grande silenciador, para reconhecer que foi exaltado a uma vida superior, onde, uma voz que surge do silêncio, sussurra debilmente, falando-lhe ao centro, no qual poderá ele encontrar o verdadeiro segredo de M\ Maçom, para o qual há de ir completamente só. No C \ , no silêncio de seu próprio coração, encontrará o ponto situado dentro do círculo, onde, como diz um hino egípcio, moram "A

única Obscura Verdade, o Coração do Silêncio, o Mistério Oculto e o Deus Interno entronizado no Altar”.